



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS VIII**  
**COLEGIADO DO CURSO BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

**NAIANE COSTA DE JESUS SANTOS LIMA**

**CAPOEIRA: A RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO SOB UMA OTICA DA  
ARQUEOLOGIA HISTÓRICA**

**PAULO AFONSO**  
**2018**

**NAIANE COSTA DE JESUS SANTOS LIMA**

**CAPOEIRA: A RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO SOB UMA OTICA DA  
ARQUEOLOGIA HISTÓRICA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade  
Estado da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em  
Arqueologia.

Orientadora: Jamile da Silva Silveira

**PAULO AFONSO  
2018**

**NAIANE COSTA DE JESUS SANTOS LIMA**

**CAPOEIRA: SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA DO POVO NEGRO SOB UMA  
OTICA DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA**

Trabalho de conclusão de curso de  
graduação apresentado à  
Universidade Estado da Bahia, como  
requisito para obtenção do grau de  
Bacharel em Arqueologia.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Professor (a)

---

Professor (a)

---

Professor (a)

---

Dedico este trabalho a minha mãe Helena, irmão Genilson e toda minha família, Malcon X, Nina Simone, Assata Shakur, Abdias do nascimento e a todo povo Preto.

## **Agradecimento**

A Deus, pois ele é a força maior que contribuiu e contribui para todas as questões da minha vida, por sempre me sustentar e confortar nos dias de aflições. A minha amada mãe Helena que sempre me deu forças na minha longa caminhada, e mesmo sem condições financeiras alguma me ajudava fazendo o possível e impossível para conseguir a nossa tão sonhada graduação. Ao meu esposo Jobson que sempre esteve comigo e conseguiu suportar todas as subjugações que recebemos ao longo dessa minha trajetória na universidade.

A todos os meus familiares que sempre estavam me dando forças nas minhas realizações acadêmicas e profissionais. Ao programa de Nacional de Ações Afirmativas, qual possibilitou a concretização da minha conquista, e escrevo aqui com todas as letras fui estudante cotista na graduação de Bacharel em Arqueologia.

Ao programa de Iniciação Científica (Pibic/Picin), no qual contribuiu abundantemente para a construção da minha formação acadêmica. Ao Programa de Auxílio permanência das Universidades Estaduais (PENAEST)

A Professora Jamile Silveira, pela orientação, paciência, incentivo, companheirismo e a total ajuda no desenvolvimento desta pesquisa em todos os momentos.

Aos professores Cleonice Vergne e Salomão Vergne por aceitarem em participar desta banca e o carinho dado em todo caminho percorrido.

A/o(s) professora/e(s) Jailma Maria, Bruno Heim, Rita de Cássia, Natan, Kilma, Cabral, Fátima Oliveira por todo o suporte acadêmico a mim ofertado durante esses quatro anos na Universidade.

Agradecer imensamente aos amigos e amigas: Dany, Gicelia, André (conjunto), Paloma, Giusepe, Jhons Carvalho e Oliveira, Andrey, Gleidson, Kedma, Claudia, Janaina, Ana, Guto Santos, Adriele, Kézia, Marília, Jamile, Gabriel Nascimento, Weversson ao Núcleo Indígena da UNEB, ao Coletivo de Estudantes Cotistas da UNEB, Daylane e Douglas.

Ninguém vai te dar a educação que  
você precisa para derrotá-los.  
Ninguém vai te ensinar a tua  
verdadeira história, teus heróis, se  
eles sabem que esse conhecimento  
irá te libertar.

Assata Shakur

LIMA, Naiane Costa de Jesus Santos. Capoeira: Capoeira: A Resistência do Povo Negro Sob Uma Ótica da Arqueologia Histórica. 92f. 2018. Monografia (Curso Bacharelado em Arqueologia), Universidade do Estado da Bahia, 2018.

## **Resumo**

Este trabalho estuda a resistência do povo negro a capoeira, durante o seu período do Brasil colônia e império, no Brasil. Explana também sobre a chegada dos africanos até o Brasil, como era a sua trajetória no atlântico negro. Explanando sobre o trabalho escravo as torturas, a subjugação do povo negro, a partir da sua identidade, raça e cultura. Permeando pela arqueologia histórica e processo da etnoarqueologia, para haver uma análise de como esse povo silenciado pelos seus colonizadores vivam e tentavam sobreviver a cada dia, em uma terra que não fazia parte da sua história, sem conhecimento, ou pertencimento dela. O que realmente foi à resistência coletiva, a diferença entre linhas da capoeira de Angola e a regional, os seus contrapontos. A marginalização de uma etnia qual procurava através da mandinga se proteger dos seus algozes, diversos processos históricos foram contribuintes para viabilização da libertação do povo negro.

Palavras-chave: Escravidão, Capoeira, arqueologia histórica, etnoarqueologia.

LIMA, Naiane Costa de Jesus Santos. Capoeira: resistance of the Black People under an Optics of Historical Archeology. 92f. 2018. Monograph (Bachelor's Degree in Archeology), State University of Bahia, 2018.

### **Abstract**

This work studies the resistance of the black people to capoeira, during its period of Brazil colony and empire, in Brazil. It also explains the arrival of the Africans to Brazil, as was their trajectory in the black Atlantic. Explaining about slave labor the tortures, the subjugation of the black people, from their identity, race and culture. Permeando by the historical archeology and process of ethnoarchaeology, to have an analysis of how these people silenced by their colonizers live and tried to survive every day, in a land that was not part of their history, without knowledge, or belonging to it. What really was the collective resistance, the difference between the capoeira lines of Angola and the regional, its counterpoints. The marginalization of an ethnic group that sought through the mandinga to protect itself from its tormentors, several historical processes were contributors to the viability of the liberation of the black people.

**Key words:** Slavery, Capoeira, historical archeology, ethnoarchaeology

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1. A PRESENÇA DO NEGRO NO BRASIL</b> .....	<b>12</b>
<b>2. O NEGRO E ARQUEOLOGIA HISTÓRICA</b> .....	<b>35</b>
2.1 ARTEFATOS E ESTRUTURAS.....	39
2.2 ARQUITETURA .....	40
2.3 DOCUMENTOS ESCRITOS.....	40
2.4 INFORMAÇÕES ORAIS .....	41
2.5 CULTURA.....	44
2.6 PATRIMÔNIO IMATERIAL .....	47
2.7 IDENTIDADE NEGRA .....	54
<b>3. CAPOEIRA A RESISTÊNCIA DE UM POVO SILENCIADO</b> .....	<b>61</b>
3.1 CAPOEIRA DE ANGOLA .....	71
3.2 CAPOEIRA REGIONAL.....	74
3.3 INSTRUMENTOS MUSICAIS DA CAPOEIRA .....	76
3.4 MARGINALIZAÇÃO DA CAPOEIRA .....	79
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	<b>82</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido para analisar a capoeira como símbolo de resistência do povo negro, buscando evidenciar estes aspectos de resistência no Brasil. À vontade de realizar essa análise partiu da inquietação quando observei a importância da capoeira para o processo de resistência do povo negro. Portanto, foi com o objetivo traçar essa ponte, que iniciei a presente pesquisa.

A Capoeira teve seu surgimento no Brasil Colônia, pelos os africanos chegaram ao Brasil por volta do século XVI, e segundo (REGO, 1968) em 1.538 Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau Brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros escravos africanos. Chegaram aqui no Brasil apenas com o seu corpo, ou seja, a única cultura material que trouxeram do seu país de origem, do continente africano. Vieram trabalhar em lavouras de cana de açúcar, mineração, entre outros trabalhos braçais da época.

Não tinham escolha, eram escravizados, humilhados, subalternizados, por um pouco e curto período de tempo, eles aceitaram essa posição que era oferecida para eles. Muitos começaram a fugir, por não aguentar mais a situação que eram obrigados a viver, revoltas individuais e sem organização. Entretanto começaram a observar que a individualidade não serviria para nada, continuariam morrendo e sendo capturados pelos capitães do mato, e seriam açoitados até seus lombos ficarem em carne viva com as chicotadas que receberiam.

Houve a necessidade de organização de bases para que assim suas fugas dessem certo, começaram a fomentar as formas de lutas que seria possível para alcançarem a tão sonhada liberdade. Precisavam lutar, todavia não possuíam armas para ir de encontro com os colonizadores, e lembraram de suas danças e jogos, provenientes de seu país, e a partir desse momento começaram a ensaiar os movimentos necessários para enfrentar os escravistas daquele período.

Sem contar que precisavam fugir e encontrar um local seguro para habitar. Não aguentavam mais ter violação constante do seu patrimônio,

quando escrevo patrimônio me refiro ao seu corpo, pois o corpo do ser humano é o seu maior patrimônio físico. E sua alma almejava ter o livre arbítrio de adora e professar a sua religião, que está por hora não era aceita, na realidade até os dias atuais, as religiões de origem africana.

Começaram a treinar constantemente longe dos seus feitores, em locais propícios com baixa quantidade de arbustos e gramíneas, que na língua tupi significa “mato passado”, e por causa disso, a luta de resistência dos Africanos foi chamada de “capoeira”.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico de autores como: Rego (1968), que fala sobre os primeiros preceitos da capoeira na escravidão, Oliveira (2005) fala sobre a malandragem na capoeira, Albuquerque e Filho (2006) que fala sobre a historia do negro no Brasil durante todo o seu processo da chegada até a abolição e por fim e não menos importante e Oser e Funari (1993) nas escavações no quilombo Serra da Bahia, analisando e decifrando as questões etnoarqueológica dos povos negros subalternizados durante séculos.

O trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro com o título: “A Presença do Negro no Brasil” explanando a situação no negro quando chegou a terras Brasilis até a abolição, desmontando escritamente um pouco das diversas situações que os escravos passavam nesses períodos. O segundo capítulo discorrerá atentamente sobre “O Negro na Arqueologia Histórica” falando sobre a arqueologia, e sua grande relevância para a historicidade étnica dos povos aqui escravizados, fazendo ponte com a etnoarqueologia que é crucial para este processo de identificação cultural e de identidade. O terceiro abordará a Capoeira em seus variados conceitos suas divisões, instrumentos, importância e sua analogia a religião de matriz africana, suas origens e comparações tonando assim o maior símbolo de resistência do povo negro. Por fim, apresento minhas conclusões e incluo as referências utilizadas neste trabalho.

## 1. A PRESENÇA DO NEGRO NO BRASIL

O negro é uma peça chave para a cultura brasileira, pois é impossível escrever sobre a história brasileira e não haver um capítulo sem falar sobre esse assunto (AZEVEDO, 1975, p.11).

Antes de adentrarmos no trabalho gostaria com poucas palavras explicar o que é ser escravo. É todo o ser humano que é privado da liberdade, de ter o direito sobre seu corpo, suas escolhas, seus desejos, ele/a pertence a alguém (dono/a). Foram inúmeros africanos trazidos de sua nação para o Brasil, país que foi a capital do negro fora da África, o que mais recebera esses povos. As contas do quantitativo de escravos africanos que adentraram no Brasil, ainda não são precisas, pois sabe-se que muitos não foram, registrados, sem contar os que morreram pelo caminho, e outros morriam no decurso da captura dos seus corpos em caçadas na África. Segundo Albuquerque e Filho:

Os números não são precisos, mas estima-se que, entre o século XVI e meados do século XIX, mais de 11 milhões de homens, mulheres e crianças africanas foram transportados para as Américas. Esse número não inclui os que não conseguiram sobreviver ao processo violento de captura na África e aos rigores da grande travessia atlântica. A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. Por isso nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil à África. (ALBUQUERQUE & FILHO, 2006, p.39)

Mas antes desse processo de escravidão, dos negros da África. Ela iniciou-se no início do século XVI, após a visita dos portugueses no Brasil, nome do nosso país atualmente. (KOK 2010) com os indígenas, das etnias Tupis, Guaranis, aimorés Tremembé entre outros, seres humanos na ótica deles selvagem e sem estrutura alguma, quer dizer, uma cultura e conhecimento diferente dos deles (portugueses), e que por causa disso os indígenas eram inferiores aos portugueses, povo dito como civilizados. Estimasse que fossem em torno de quatro milhões de indígenas nessas terras brasileiras (P.9).

Ao supor que eram superiores aos indígenas, perceberem a sua ingenuidade, e o tanto de riquezas que o país tinha, resolveram explorar, mas

precisaria de muita mão de obra braçal, para tal feito. A partir desta necessidade, a mão de obra que precisavam estava no próprio local, os indígenas, iniciou a escravidão dos povos nativos do Brasil, todavia os escravos nativos não estavam conseguindo fazer todo o trabalho pesado, já que não era de costume, trabalharem (ter uma tarefa específica diária), faziam as suas obrigações de acordo à necessidade, possuíam seu tempo (FAUSTO 1994).

Iniciou a matança dos índios, pois não queria ser obrigados a fazer o que não tinham vontade, um ser humano acostumado a ter sua cultura, sua dinâmica no coletivo e também individual, ter que mudar tudo em seus hábitos costumeiros. Pela não aceitação de muitas etnias em submeter a ser escravos dos portugueses começaram a ser aniquilados.

Mas antes de investir maciçamente no tráfico africano, os colonos portugueses recorreram à exploração do trabalho dos povos indígenas que habitavam a costa brasileira. A escravidão foi um tipo de trabalho forçado também imposto às populações nativas. O índio escravizado era chamado de “negro da terra”, distinguindo-o assim do “negro da guiné”, como era identificado o escravo africano nos séculos XVI e XVII. (ALBUQUERQUE & FILHO,2006.p.:40)

Com a resistência dos indígenas começou a faltar mão de obra para trabalhar, e principalmente a imposição deles, de converter a uma religião desconhecida, rituais que não eram os seus, e sem importância religiosa para os nativos, os chamados “negros da terra”.

Mas antes de investir maciçamente no tráfico africano, os colonos portugueses recorreram à exploração do trabalho dos povos indígenas que habitavam a costa brasileira. A escravidão foi um tipo de trabalho forçado também imposto às populações nativas. O índio escravizado era chamado de “negro da terra”, distinguindo-o assim do “negro da guiné”, como era identificado o escravo africano nos séculos XVI e XVII. . (ALBUQUERQUE & FILHO,2006.p.:40)

Os colonizadores decidiram assim fazer a guerra Justa, guerra essa que de justa não possui nada, apenas a nomenclatura, eles entravam em confronto com os indígenas com as armas deles, todo o aporte tecnológico bélico do

período, escrevi isso me referindo aquela época e também a diferença de conhecimento e civilizações. Adentravam nas aldeias atirando e massacrando todos, e diziam dá o direito dos nativos os atacarem com as armas que possuíam armas essas como arco e flecha, braçal, e outras. Isso é guerra justa? A injustiça de equidade do nosso país iniciou nesse ato covarde dos colonizadores para com os donos desta terra. Com esse fato começam a perceber que o único jeito para progredirem na extração do ouro a priori seriam os africanos. Segundo Alburquerque e Filho(2006):

Por causa das guerras justas as comunidades indígenas mesmo com a sua resistência foram escravizadas. Por volta da metade do Século XVI, a mão de obra escrava indígena começou a diminuir, pois estes estavam fugindo e não adequando ao modo escravocrata dos europeus, a partir desse momento os africanos começam a chegar em quantidades cada vez maiores, para fazer a substituição dos escravos indígenas .(p.40)

Também o que acarretou a vinda dos escravos para o Brasil foi: as doenças adquiridas pelos indígenas, durante seus trabalhos forçados nos engenhos, muitos começaram a fugir e assim o custo de captura-los estava sendo oneroso.

Diversos fatores levaram à substituição do índio pelo africano. As epidemias dizimaram grande número dos que trabalhavam nos engenhos ou que viviam em aldeamentos organizados pelos jesuítas. A fuga dos índios para o interior do território provocou aumento dos custos de captura e transporte de cativos até aos engenhos e fazendas do litoral. (ALBUQUERQUE & FILHO,2006.p.41)

O tráfico de negros africanos escravizados no atlântico Sul pressupõe sua iniciação em 1549, com a primeira desembarcação em São Vicente, entretanto alguns historiadores como Clovis Moura divergem dessa informação com base em seus estudos, dizendo que: já em 1511, haviam negros que foram enviados em uma nau bretoa por Fernando de Noronha.

Luiz Viana Filho, faz uma divisão de ciclos do trafico de escravos africanos na Bahia A inserção dos escravos na Bahia foi dividida em 4 ciclos;

No I ciclo os negros eram provenientes de Guiné, durante o século XVI; No II eles eram exportados de Angola, compete ao século XVII; III ciclo Costa da Mina durante século XVIII, e por fim o ultimo e não menos importante o IV ciclo que era o da ilegalidade durante o século XIX.” ( FILHO,1945.P.: 28)

Todavia para Pierre Verger os III ciclo de Viana não estavam correto ele deveria ser dividido em 2 partes e ficaram : “Ciclo da Guiné (segunda metade do século XVI), o Ciclo de Angola (século XVII), o da Costa da Mina (nos três primeiros quartos do século XVIII) e o da Baía do Benin (entre 1770 e 1850), incluindo o tráfico clandestino.”

De acordo com os estudos de AZEVEDO (1975), existe dois tipos de Minas: a dos Ashantins, também conhecidos de Minas-Santés; e os Minas-Popos, de língua Tshi, e ainda haviam outras nações Minas no Rio de Janeiro, Minas-Nejôs, Minas-Maís e Minas-Cavalos.

Os estudos de Marconi e Presotto (2015) resultaram em uma suposta distribuição das nações escravas no território brasileiro, ficou dessa forma:

- Bahia: Negros Sudaneses, Nagôs, que são em grande número sudaneses provenientes do islamismo (o povo da resistência do malês) e os bantus;
- Rio de Janeiro: Sudaneses de diversas regiões e bantos;
- São Paulo: Bantos da região de Angola e do congo;
- Pará: Sudaneses e Bantos;
- Maranhão: Sudaneses ( jejes e Minas);
- Minas Gerais: Sudaneses e Bantos;
- Pernambuco: Bantos e Sudaneses.

Os sudaneses (de acordo com estudos criados por pessoas que julgam as culturas desenvolvidas ou em desenvolvimento) são mais desenvolvidos culturalmente, em relação ao povo banto. Já os nagôs usavam tatuagens e tinham o tipo físico bens distintos: os mais retintos tinham a característica negra mais forte, e os menos retintos a característica negra era menos acentuada ( p.276).

Vale destacar que o tráfico para a Bahia era o mais lucrativo do Brasil. A profissão de traficantes de negros vindo da África era uma profissão destacável

no mundo como outra qualquer, ou seja, normal, porém naquele período de tempo cheia de lucro.

No comercio baiano foi "um dos ramos mais lucrativos o que explorava o tráfico de escravos". Concentrando-se na Bahia uma grande parte, talvez a maior, do tráfico afro-brasileiro, para ela convergiram os xroventos fartos tirados desse comércio e que deu aos que o exploravam a dignidade da riqueza e uma perfeita consciência de classe. Os traficantes constituíam uma classe tão honrada como qualquer outra e composta de destacadas figuras do mundo econômico e financeiro da Colônia. ( FILHO,1945.P.: 28)

Traficar na época era como se você obtesse um título, sem contar que a religião permitia, tinham o aval de Deus, houve barões na Inglaterra a partir do tráfico de escravos, pois isso era algo legal dentro dos parâmetros europeus, sem contar que tinham até padroeiro que era São José, o padroeiro das embarcações (tumbeiros).

Filho (1945) afirma:

Na Inglaterra chegou a fazer barões. Aqui também foi serviço prestado o Sua Majestade e ao país. Por isso, marcando-os na sociedade, tiveram mesmo os traficantes a sua Irmandade, espécie de sindicato sob a invocação de ura Santo, e que funcionava na pequena igreja de Santo Antônio da Barra, erigida numa das eminências da cidade, dominando a Bahia de Todos os Santos e o Atlântico, e donde S. José, padroeiro da devoção dos traficantes, deveria velar pela sorte das embarcações que rumavam em busca de negros a serem escravizados e cristianizados pelo batismo. ( FILHO,1945,p.29)

A viagem era desumana, como citado a cima, eram em navios tumbeiros (navios negreiros) acorrentados, onde se defecavam, urinavam no local que dormiam e respiravam, sem contar que o navio era fechado, não tinha muita ventilação, pois eles ficavam no porão do navio, privados de boa alimentação e agua o suficiente para uma viagem longa, da África para o Brasil. Sem contar a caminhada em terras africanas, antes de chegarem ao destino final que era os tumbeiros, longas caminhadas, maus tratos, açoites, falta de alimentação e ingestão de líquidos.

Muitos não resistiam à longa caminhada, às doenças e aos maus tratos. Nos portos eram alojados em grandes barracões ou em cercados. Ali permaneciam muitos dias e até meses à espera de que as cargas humanas dos navios fossem

completadas e os cativos partissem para um mundo completamente desconhecido. Nesse período de espera, era grande o número de mortes, pois os cativos eram alojados em construções muitas vezes precárias, insalubres, mal ventiladas e pequenas. Em alguns períodos, cerca de 40 por cento dos negros escravizados em Angola pereciam ainda em solo africano. Mas os prepostos africanos do tráfico sabiam que os cativos não deviam permanecer durante muito tempo nos portos de embarque. Além das perdas por doenças, temiam que as concentrações de escravos nos barracões facilitassem revoltas. (ALBUQUERQUE & FILHO,2006.p.:41)

Precisamos compreender que a escravidão proveniente do homem e mulher africano/a, surgiu antes de 1500, o Brasil que começou segundo em documentos históricos recrutar mão de obra escrava africana a partir desse período, século XVI, data ainda estudada e pesquisada por muitos, estudiosos que se debruçam nessa temática. Entretanto a nossa vertente, será apenas para inserção da escravidão africana no Brasil.

Os escravos negros eram marcados a ferro nas costas ou no peito, antes de embarcar, era o meio de identificação, quem era o seu dono. E o tumbeiro só saía com o numero excessivo de africanos, dependendo da embarcação até 500 cativos.

O número de cativos embarcados em cada navio dependia da capacidade de suas instalações. Nos séculos XVI e XVII, uma caravela portuguesa era capaz de transportar cerca de 500 cativos e um pequeno bergantim podia transportar até 200. No século XIX, os traficantes utilizaram os navios a vapor, o que reduziu o tempo das viagens. Nos últimos anos do tráfico, a média de escravos transportados por navio era de 350. (ALBUQUERQUE & FILHO,2006.p.:45)

A saudade de sua terra, seus parentes e suas famílias assolavam as suas mentes dias e noites durante a travessia do atlântico em destino ao Brasil, foram enganados, tirados da sua cultura, seu bem maior. Relato de: O africano Mahommah G. Baquaqua viveu a experiência do tráfico e a relatou em um livro:

Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de um lado e as mulheres do outro. O porão era

baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e a fadiga. Oh! A repugnância e a imundície daquele lugar horrível nunca serão apagadas de minha memória. Não: enquanto a memória mantiver seu posto nesse cérebro distraído, lembrarei daquilo. Meu coração até hoje adocece ao pensar nisto.( MAHOMMAH,1988.p.:283)

Ao chegarem a solo brasileiro, começava todo o preparo para o comercio de seus corpos, tomavam banhos, tinham a cabeça raspada, trabalho esse que os próprios cativos faziam, os seus donos para os deixarem mais jovens e sem aparência apática passavam óleo em seus corpos, dando certo vigor. Eram alimentados corretamente para dar o ar de bem nutridos e fortes.

Os vacinavam para não adoecer durante o período da venda, observavam e cuidavam da saúde mental para não suicidarem, pois obvio que se isso acontecesse seria prejuízo para os traficantes. Para que eles não transparecessem as suas tristezas os traficantes davam estimulantes para se alegrarem.

E corriam atrás da venda de sua nova carga que chegara da África, anunciavam em jornais, eram classificados por sexo, idade e nacionalidade. Ficavam expostos nos armazéns e casas, organizados por idades os mais velhos atrás, os jovens no meio e as mulheres e crianças ficavam sentados no chão (MENDES, 1973.p.220).

Grandes números dos cativos no século XVI vieram com destino a Salvador, por volta de 1550 e foram chamados de negros de Guiné. Chegaram para trabalhar nos engenhos e nas lavouras de cana de açúcar, seu porte físico era propicio para a mão de obra requerida no período, eram altos e fortes (robustos).

Negro de Guiné ou gente de Guiné foram as primeiras designações a serem utilizadas para marcar a origem dos escravos africanos chegados na Bahia no século XVI. Mais do que um registro de procedência, estas expressões queriam significar a condição mesma de escravo na linguagem corrente na época. (ALBUQUERQUE & FILHO, 2006.p.56)

Todos os negros começaram a ser chamados de “os negros de guiné”, a partir

do momento que a demanda de escravos começou a crescer aceleradamente em todo o país, todavia, eles eram fortes e altos (robustos) tinham aparência para um bom serviço braçal, nos engenhos e nas lavouras de cana-de-açúcar.

Porém a nação que chegou à Bahia foi os bantos, e aqui instalou a sua cultura, identidade e mitos. Porque existem pouquíssimos documentos que reportam a chegada dos cativos a Salvador, os negros não tinham função social a não ser trabalhar, sem contar que eram obrigados a ir atrás dos indígenas que fugiam do seu ofício desguiando do seu dono (colonizador).

Na verdade muitos historiadores debruçaram em pesquisas para definir com exatidão a origem tribal de cada escravo que veio para o Brasil, pesquisando em documentos compra e venda pontos de embarque e desembarque, mas, todavia não teve muito êxito, pois os documentos oficiais foram destruídos, incinerados após a abolição, com intuito de eximir a lembrança da escravidão no Brasil.

Por volta de 1556 começa as fugas dos negros da cidade de Salvador para iniciar os quilombos, ou seja, o refúgio dos africanos escravizados. E os castigos em que eram subordinados a receber sejam durante o trajeto no atlântico ou fora dele.

Mattoso explica que o agente que motivava os escravos a cometer o suicídio, era o medo, medo do que estaria por vir em suas vidas “o castigo”. E eles faziam isso através engolindo a língua, enforcamento, geofagia, dentre outros artifícios (MATTOSO, 1982, p.155).

Vianna (1988) Os cativos acreditavam em imortalidade, acreditando renascer em outra vida (reencarnação), entretanto para eles o alívio de todas as suas dores era a morte. Um senhor dono de vários escravos começou a ver sua renda diminuir gradativamente, pois os seus escravos estavam cometendo suicídio em massa, para estancar esse processo no meio dos seus cativos, ele resolveu usar de seu conhecimento amputando pernas e braços dos que haviam suicidado, dizendo que na outra vida eles nasceriam daquela forma, os que ficaram vivos vendo a cena, temeram fazer o mesmo. (P.191)

(APEB 1876) O escravo do senhor Cardoso, achava-se fugido e foi encontrado no Tororó, e sendo perseguido e capturado foi levado até o seu senhor, quando o viu, tirou a navalha do bolso e com ela cortou o seu pescoço, mas foi levado imediatamente para o hospital, com a finalidade de ser curado.

É desumano ter jornada de trabalho de 18 horas por dia, não tinham boas vestimentas, não se alimentavam direito. Eles não deixaram documentos, mas não se silenciaram contando a sua própria história, mas com a pesquisa e ajuda de alguns documentos e da arqueologia estamos tentando construir essa trajetória.

### **Anjinho**

Um instrumento de ferro bem pequeno, e manejável e era muito fácil de ser manuseado, o escravo contra a sua vontade colocava um ou os dois polegares dependendo do castigo do seu senhor (dono) e eram esbagaçados pelo metal, pois a pressão do instrumento esmagava os ossos.<sup>1</sup>



Foto<sup>2</sup>.Instrumento de tortura conhecido por “anjinho”

### **As mascaras**

Existiam diversidades de modelos de mascaras, porém todas eram feitas de ferros e os senhores as usavam com frequências para os escravos que tinham fugas abortadas. O curioso era que quando capturados na tentativa negativa de uma liberdade clandestina, eles tinham que fazer trabalhos árduos, e tinha receio da exposição que poderiam ter, devido a essa situação eles suicidavam-se envenenados ou comendo uma grande quantidade de terra e asfixiando.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Fonte: [www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br](http://www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018.(2017). Acesso em 22/11/2018

<sup>2</sup> Fonte: [www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br](http://www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

<sup>3</sup> Fonte: [www.blogspotfotoscuriosos.com.br](http://www.blogspotfotoscuriosos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018



Foto 4. Instrumento de tortura conhecido por “mascara”

### **Tronco e açoite**

O castigo mais conhecido, e um dos mais temerosos pelos cativos, eles eram amarrados em um tronco e com um chicote feito com material de tiras de couro, entre uma chicotada e outra começava a arrancar pedaços da pele do negro, e perdiam uma intensa quantidade de sangue nesse processo asqueroso, muitos chegavam a desmaiar por choque hemorrágico. <sup>5</sup>

(APEB 1872) Para alguns castigos como o tronco, o dono dos escravos tinham que a autoridade o delegado para saber quantas chicotadas o individuo merecia levar, podia ser 50 palmatoria e 50 chicotas, ou qualquer outra quantidade de açoites. <sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Fonte: [www.blogspotfotoscuriosos.com.br](http://www.blogspotfotoscuriosos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

<sup>5</sup> Fonte: [www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br](http://www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

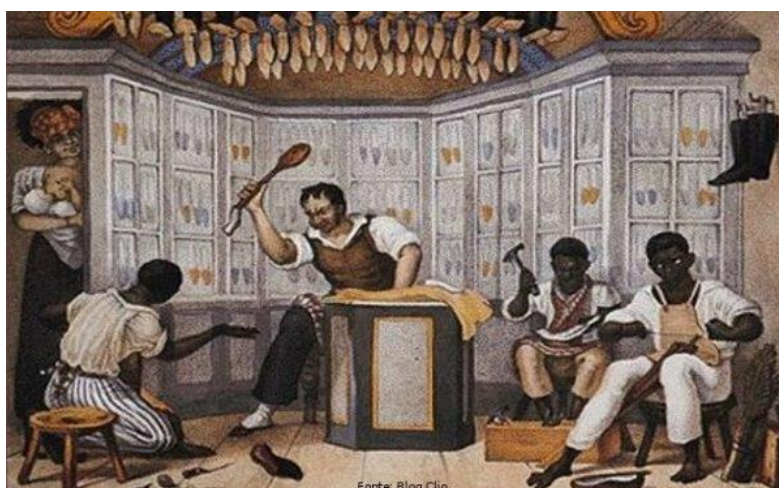
<sup>6</sup> Fonte: [www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br](http://www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018



Foto<sup>3</sup>: Instrumento de tortura conhecido por “tronco”

### **A palmatória**

Uma palmatória de madeira muito boa que era usada para bater na mão do cativo, entretanto esse material tinha um material tão consistente que podia destruir a mão do escravo<sup>8</sup>



Foto<sup>9</sup>: Instrumento de tortura conhecido por “Palmatória”

### **Colar de pescoço**

Esse instrumento era de metal em forma de um colar, pesadíssimo, e que não dava para dormir ou descansar direito com ele ao redor do seu pescoço. Tinha pontas grandes e agudas que ficavam em volta de todo o colar. O escravo usava para lembrar-se de todas as suas rebeldias e seus trabalhos ficavam mais tortuosos.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Fonte: [www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br](http://www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

<sup>8</sup> Fonte: [www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br](http://www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

<sup>9</sup> Fonte: [www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br](http://www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

<sup>10</sup> Fonte: [www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br](http://www.blogspotfotosdesconhecidos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018



Foto<sup>11</sup>: Instrumento de tortura conhecido por “Colar de pescoço”

### Vira Mundo

Instrumento de ferro, que era utilizado para prender as pernas e também as mãos do escravo, ele funcionava da seguinte forma: a mão esquerda presa com o pé direito, e a mão direita presa com o pé esquerdo. E às vezes passavam dias nessa posição.<sup>12</sup>



Foto<sup>13</sup>: Instrumento de tortura conhecido por “vira mundo”

No Rio de Janeiro a capital do império brasileiro, em meados do século XIX, os negros chegavam através do cais do Valongo (que em 2017 virou patrimônio mundial pela-Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura-UNESCO), chamada de África brasileira por causa da

<sup>11</sup> Fonte: [www.blogspotfatoscuriosos.com.br](http://www.blogspotfatoscuriosos.com.br) (2017). Acesso 20/11/2018

<sup>12</sup> Fonte: [www.blogspotfatoscuriosos.com.br](http://www.blogspotfatoscuriosos.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

<sup>13</sup> Fonte: [www.blogspotfatoscuriosos.com.br](http://www.blogspotfatoscuriosos.com.br) (2017). Acesso 21/11/2018

quantidade de cativos que chegavam através daquele porto e também pela sua formação de povoamento.

(MOURA 2004) Os negros ainda faziam toda atividade braçal, seja nas casas ou na rua, sua utilidade básica era apenas essa. A cidade do Rio de Janeiro Povoou de negros e mestiços rapidamente, entretanto nesse momento temporal começa-se a surgir outros serviços, como: sapateiro, artesão, carpinteiro, entre outros. E com isso surge os escravos alugados: aqueles que os seus senhores podem alugar para outro em troca de um pagamento, ou quitação de dívida dependendo da necessidade, as vezes o locador emprestava o dinheiro da alforria ao escravo para ele o pagar em alguns anos de trabalho.

O escravo carregador carregava malas, pipas, tudo o que pudesse carregar. O de ganho trabalhava fora da propriedade entregando jornal, vendia comida, doces, alimentos e com negociadores de sedas e pão, mas eles os escravos não podiam tocar no pão, eram barbeiros e até agenciavam prostitutas, esses cativos de ganho algumas vezes vagavam sem o acompanhamento do seu senhor( todos esses escravos tinham a obrigação de dividir com o seu senhor o dinheiro arrecadado com os seus serviços, cada um tinha uma porcentagem diferente). Domestico a palavra já explica trabalhavam na casa grande, até escravos de convento. (p.150,151)

De todas as atividades exercidas pelo escravo era carregar o lixo excrementos, e por causa disso vivam cheio de manchas nas roupas que esses dejetos deixavam em suas roupas.

(KOK 2010) Ainda mesmo havendo animais que poderiam fazer o trajeto levando os senhores e senhoras os negros que ainda faziam todo esse processo, de levar os brancos de um lado a outro da cidade.



Foto<sup>14</sup>:Senhores brancos pobres e sua escrava

A cultura de possuir escravos e serem muito preguiçosos, os brancos ainda insistia em tomar praticamente até a alma do negro, nesta imagem Debret fala sobre a família pobre que não tem nada, pode observar pela situação da casa, mas insistem em ter seus escravos e, além disso, colocam para trabalhar fora de casa e os entregar o seu dinheiro do ganho diário para prover o alimento do dia seguinte. Pois ter escravo era sinal de poder.

Não podemos esquecer que o Rio de Janeiro no império era uma capitania muito importante, pelos seus acontecimentos históricos, local onde a família real residia. E no século XIX era a região de café no Vale do Paraíba.

E no mesmo marco temporal era exportador de escravos através de um dos maiores portos do Brasil o Cais do Valongo, como já escrevi em outro momento, mas agora fazendo um análise através das palavras escritas de Charles Brand que visitou o Valongo em 1852 e descreveu o que seus olhos tiveram contemplado:

A primeira loja de carne em que entramos continha cerca de trezentas crianças. De ambos os sexos; o mais velho podia ter doze ou treze anos e o mais novo, não mais que seis ou sete anos. Os coitadinhos estavam todos agachados em um imenso armazém, meninas de um lado, meninos de outro, para melhor inspeção dos compradores; tudo o que vestiam era um avental xadrez azul e branco amarrado pela cintura; [...] O cheiro e o calor da sala eram muito opressivos e repugnantes. Tendo meu termômetro de bolso comigo, observei que atingia 33°C. Era então inverno [junho]; como eles passam a noite no verão,

<sup>14</sup> Fonte: [www.blogspotvermelho.com.br](http://www.blogspotvermelho.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

quando ficam fechados, não sei, pois nessa sala vivem e dormem, no chão, como gado em todos os aspectos.( Band, Journal.p.:13.Apud. KARASH, op. cit 76)

Com esses tratamentos que não existe categorização até os dias atuais, os negros começaram a organizar e virar um movimento orgânico e estruturado, para poder assim obter sua liberdade. Houve revoltas escravas antes de 1835, os escravos baianos começaram a liderar movimentos de protesto com sua audácia de rebeldia.

Em todo o Brasil, os escravos da Bahia tornaram-se famosos por sua rebeldia bem antes de a plebe livre desencadear seus movimentos de protesto. Embora frequentes em tempos anteriores, as rebeliões se multiplicaram a partir do início do século XIX. (REIS,1986,p.65)

Eram rebeliões às vezes planejadas outras não, aconteciam em Salvador ou no recôncavo, em qualquer lugar propício podia ser nos engenhos, e com isso os senhores ficava com insegurança, pois entendiam que a qualquer momento uma rebelião poderia acontecer, a maioria dessas supostas rebeliões não se concretizavam, muitas vezes por conspirações. Quando eram capturados eram assassinados, terminava de forma trágica, e o cansaço de ser submisso, não ter a posse do seu corpo alimentava grandemente a vontade da liberdade.

A repressão e os castigos tornavam-se cada vez mais frequente, o não ter livre arbítrio religioso, poder cantar, dançar, poder criar seus filhos, ter uma família e saber que ela ficará com você até o dia que morrer, o não reconhecimento do trabalho árduo, foi acumulando para o surgimento de insurreições ou revoluções étnicas.

Surgiu um numero considerável de quilombos, palavra originária do povo banto, onde junta o povo que foge dos seus donos, antes não era chamado de quilombo e sim de mucambo. O quilombo mais conhecido o de Palmares, que na época pertencia a província de Pernambuco. Outrora já haviam quilombos de forma tímida desde o ano de 1573, faz menção a Varnhagem e foi destruído em 1575, por Honofre Pinheiro, segundo Clovis Moura.

Falar sobre a abolição no Brasil é necessário e crucial, para que assim possa registrar em documentos o quão importante foi a saga em busca da

liberdade dos negros escravizados no Brasil, foi árduo e duro todo o processo até a tão dita liberdade, muitos deram suas vidas, para que esse momento se materializasse.

O estudo do período de lutas pela Abolição da Escravidão no Brasil nos parece particularmente importante. Primeiro, porque comprova que a Abolição não foi uma dádiva, mas uma conquista. O resultado de um longo processo de marchas e contramarchas, tergiversações, em que os negros e seus aliados tiveram que passar por aprendizados - o aprendizado da luta política, ao lado da participação em guerras de independência e de construção de nações - onde o preço da liberdade (sua e dos seus descendentes) resultou, muitas vezes, no preço da vida. (MENEZES,2009,p.:84)

A abolição não foi de um dia para a noite, os cativos começaram a receber informações sobre a revolta do Haiti, os negros haviam conquistado a liberdade depois de muita luta, e resistência, e a partir dessas informações os impulsos de insurreições e o anseio pela liberdade começam a entrar em culminância.

(MOREL 2018) Nada foi conquistado simplesmente porque os senhores eram bons, teve luta, resistência cotidiana, muitos abriam mão até de suas próprias vidas, para dar ao outro, no intuito de saber que futuramente essa forma de tratar o ser humano por causa apenas da cor, não podia continuar existindo.

(MACHADO 1987) Resistência também está associada ao espaço de autonomia qual o escravo frente ao mundo do seu senhor (dono) ter autonomia, possuir elementos independentes da sua cultura. Qualquer sinal ou indicio que o escravo demonstrasse que estava conquistando um espaço, até seu silencio dependendo de como fosse a expressão desse “silencio” era sinal de alerta para o seu senhor, pois para eles os cativos se expressavam de todas as maneiras possíveis até pelo mover de seus músculos eram deduziam que era uma fala.

Todos tinham e têm o direito de ter liberdade de si, poder fazer o que quiser com a sua vida, ir a qualquer lugar, sorrir, ser feliz, ter um emprego digno, não viver carregando o ser humano nas costas, como acontecia naquele período. Tudo era natural desde que a cor da sua pele fosse retinta.

Seus corpos ficarem a mercê de outro, as mulheres negras sujeitadas a ter relação sexual com seu dono, ou os capitães do mato, por não ter o domínio próprio, ver seus filhos serem vendidos, e ter que amamentar os filhos dos seus hierárquicos. Os açoites até rancar o seu corpo, deixar marcas e cicatrizes profundas em sua pele, no seu psicológico, em sua alma. O labor estava enfadando os escravos, abrindo os seus olhos, e começando a compreender que eram iguais, sem acepção de nada, o sangue era igual, o suor, a dor, e porque essa diferença racial, social e econômica.

Professar a sua crença, pois eram obrigados a seguir a religião impostas pelos colonizadores. Bater o seu atabaque, canta em suas línguas, dançar, ritualizar de acordo os seus orixás. A religião era uma das formas de resistência dos africanos escravizados, (CHALHOUN 1996) a cultura religiosa do continente africano falava muito sobre os escravos e sua condição, porque ela era parte eminente das insurreições, e resistência nos cativerios, inclusive na revolta da vacina, no caso eles se opuseram em devoção a Omolú, a partir da reinterpretação cosmológica dos povos da África Central.

(SODRÉ 1988) o patrimônio do negro brasileiro é a sua memória cultural da África, consolidando em terras brasileiras seu território para preservação e propagação religiosa. Fazendo assim a necessidade de se reestruturar e reascender na diáspora um culto a diversos deuses, perpetuando através dessa simbologia o seu patrimônio simbólico. As praticas religiosas africanas não eram permitidas naquela época, eram criminalizadas então os negros que se atreviam a cultuar seus orixás eram reprimidos, perseguidos e presos.

O estado da Bahia era conhecido pelas suas denominações do batuque, batucagés e candomblés, com isso Verger (1981) deduz:

[...] alguns batuques, contribuíram para manter vivo o culto aos orixás, dos nagô-iorubas, dos vodum, dos fons, do Daomé e dos iquici, dos bantu do congo e de Angola, todos escravos na Bahia. Os cantos e as danças trazidas por eles do continente natal se dirigem ritualmente a seus deuses em suas línguas [...](VERGER, 1981, p.225).

O Brasil foi o ultimo país a obter a abolição, sendo que o estado do Ceará foi o primeiro a extinguir esse ato. Um dos maiores líderes escravista até 1791, perdendo apenas para os Estados Unidos das Américas. Começa-se a

discutir no Brasil a abolição, a partir de movimentos a favor da abolição, e por causa da pressão da Inglaterra e a grande resistência e revoltas dos negros escravizados. Menezes escreve que: A discussão sobre o final do tráfico será conduzida, por um lado, pelas pressões da Inglaterra e, do outro, pelas pressões internas, inclusive pelo medo que se implanta entre os proprietários pelos levantes dos negros, em especial na Bahia.

Para chegarmos à abolição passaremos por ciclos, quer dizer passo a passo gradualmente. A Inglaterra sendo contra a continuação do tráfico de escravos começa a fiscalizar o Brasil nas costas litorâneas brasileiras, e sabemos que mesmo assim o Brasil insistia no tráfico ilegal, pois queriam riquezas e a vida luxuosa a custos da vida de seres humanos. Com isso no dia 07 de novembro do ano de 1831 o Brasil declara livre a todos os escravos vindo fora do império.

Durante os anos de 1830 e 1840 Inglaterra e Brasil começam um grande conflito, por causa do bloqueio da Inglaterra no porto do Rio de Janeiro, e por isso romperam qualquer relação. A Inglaterra teve que adentrar em terras brasileiras a força para aprisionar os tumbeiros que chagavam por aqui, mesmo depois da lei de 1831.

As revoltas começaram a eclodir no estado da Bahia, motins, revoltas em engenhos, quebra-quebra, guerra anticolonialismo. Morton (1974) exprime:

Os soldados negros e os batalhões de mulatos percorrem as ruas, roubando e maltratando os portugueses e alguns estrangeiros, insultando o governo do Rio de Janeiro e gritando morte ao imperador, morte aos portugueses e janeiristas, com a independência e a República. (MORTON, 1974, P.289)

Em outros estados iniciam os movimentos como a Confederação do Equador em Pernambuco, a Balaiada no Maranhão, a Cabanagem no Pará e a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul (Reis,1986,p.38). No ano de 1835 explodiu a revolta dos Malês na Bahia, uma revolta de negros livres em busca da sua liberdade de expressão religiosa( muçulmanismo) e libertação dos seus irmãos que ainda eram cativos.

No século XIX, década de 50 cria-se a lei Eusébio de Queiroz, que combatia o fim do tráfico clandestino, para percebermos o quanto o Brasil era

resistente à abolição. No estado da Bahia a sociedade protetora dos desvalidos (também chamada irmandade de cor) começa a comprar alforria.

Os escravos foram para a guerra do Paraguai lutar ao lado do Brasil, e estavam lutando e virando heróis igual aos homens brancos. Durante esse processo da guerra do Paraguai começa nas faculdades dos estados de São Paulo e Pernambuco o debate, ou seja, discussões sobre a abolição, esse debate surge através de nomes como: José Bonifácio, Joaquim Nabuco Luiz Gama filho de Luiza Mahin ( da revolta dos malês).

Durante a Guerra se reinicia o debate sobre a extinção da escravidão. Começa na Academia, em particular nas Faculdades de Direito de Recife e São Paulo, onde atuavam Luís Gama, José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e, mais que todos, Castro Alves. Luís Gama, por exemplo, busca uma ação legal, pelo reconhecimento da liberdade dos escravos entrados depois de 1831 e pela presunção de liberdade daqueles que participaram da Guerra do Paraguai; os demais, José Bonifácio à frente, começam o debate público, fundando um jornal, "O Abolicionista". Os versos de Castro Alves eram declamados e aplaudidos no Recife, em Salvador e em São Paulo, provocando comoção. (MENEZES,2009,p.89,90)

Em 1871 Lei do ventre livre daria o direito para todas as crianças que nascessem das suas mães escravas, serem livres. Sem submissão a senhor nenhum, entretanto ninguém alcançou a liberdade através da lei do ventre livre. Na continuação em busca da tão almejada libertação dos escravos negros, no ano de 1880 cria-se a Sociedade Brasileira contra a escravidão, por João Nabuco, no mesmo ano surge o jornal abolicionista que consegue ter uma visibilidade muito grande. Em outros estados fora do Rio de Janeiro também são criadas outras sociedades abolicionistas, e surgem grandes lideres a favor da abolição fazendo campanhas sendo eles: José do Patrocínio, André Rebouças e João Clapp entre outros. Lei dos sexagenários em 1885 foi aprovada depois de muito projeto, debates e lutas em gabinetes, os escravos a partir dos 60 anos estariam livres.

Enfim chega o dia 13 de Maio de 1888, a abolição dos escravos negros no Brasil, A lei Aurea, assinada pela princesa Isabel, no Rio de Janeiro comemoraram diante do paço imperial, e teve desfiles. Em Salvador estudantes, abolicionistas e ex-escravos foram as ruas desfilar com a ajuda

sonoras das filarmônicas, no recôncavo teve festa de samba durante varias noites, e , foi assim por diversas cidades do país, comemorações intensas e festas.

Em Salvador, foi por iniciativa deles que os carros do Caboclo e da Cabocla, símbolos da Independência do Brasil na Bahia, desfilaram da Lapinha ao centro da cidade, percorrendo o mesmo itinerário que faziam a cada dia 2 de julho, data em que se comemora a libertação da província do colonialismo português. A relação do 2 de julho como o 13 de maio fazia sentido, uma vez que as duas datas comemoravam a liberdade. Em Salvador a festa se estendeu por mais alguns dias. Em 18 de maio, uma grande “romaria popular” dirigiu-se à igreja do Senhor do Bonfim para agradecer a liberdade dos escravos. (ALBUQUERQUE & FILHO,2006.p.194,195)



Foto<sup>15</sup>: Negros dançando no dia 13 de maio

---

<sup>15</sup> Fonte: [www.quioombominasgerais.com.br](http://www.quioombominasgerais.com.br)(2017). Acesso 22/11/2018



Foto<sup>16</sup>: Festa no Rio de Janeiro na praça Central, dia 13 de Maio

Precisamos entender que esse processo da abolição é um acontecimento histórico para a nossa construção como seres humanos de modo geral tanto para negros, quanto a população brasileira. Uma conquista social, entretanto houve ainda um processo de construção social para os negros após as festas e m comemoração a sua alforria. Era sua inserção na sociedade brasileira.

Abolição trouxe uma quebra financeira muito alta para os senhores de engenho, pois a mão de obra escrava não iria mais existir. Sabe-se historicamente que muitos escravos pediam para ficar na casa de seus senhores, na senzala, pois não tinham em mente o que fariam da vida, quando deixassem a casa daqueles que sempre os dominavam, como seriam tratados fora daquele local, pra onde iriam, dormiriam e comeriam outro paradigma a ser enfrentado pelos negros agora libertos. “A liberdade recém-conquistada era ao mesmo tempo o direito de ser tratado como um igual e reconhecido como cidadão.”

Após abolição, o que realmente aconteceu com os negros o grande problema de como ser inserido na sociedade, ser um trabalho livre igual aos outros, e os laços afetivos como seriam estabelecidos. Para ocorrer todo esse processo de construção social, foi necessário ser baseado na cultura e

---

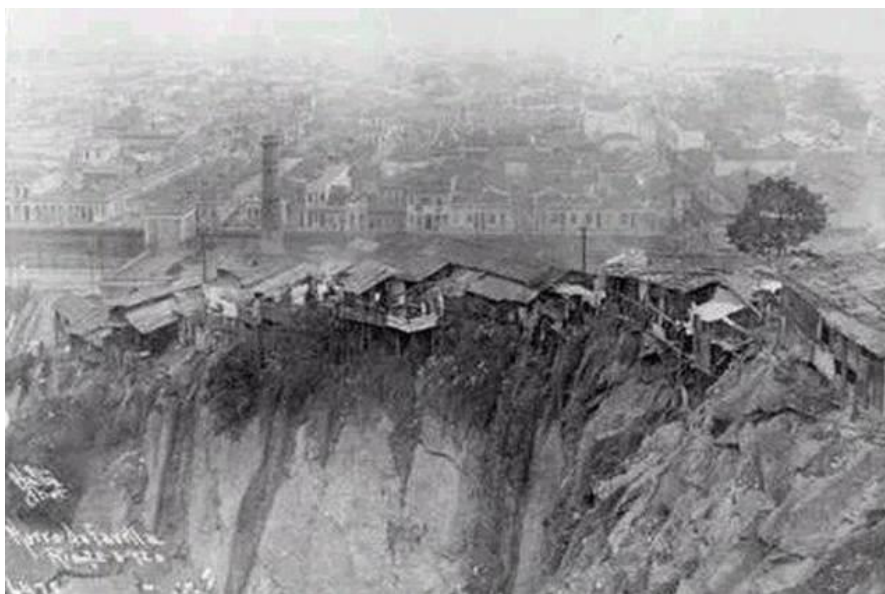
<sup>16</sup> Fonte: [www.blogspotvermelho.com.br](http://www.blogspotvermelho.com.br) (2017). Acesso 22/11/2018

religiosidade, no decorrer de suas experiências cotidianas. Pois não era sangue puro.

Em vez de dar trabalho aos escravos que já trabalhavam na lavoura, serviços domésticos, barbearia, sapataria e outros que haviam no Brasil, os senhores preferiram dar trabalho a imigrantes europeus, que vieram para ganhar pelo serviço produzido, e por causa da quebra econômica da Europa. Chegaram em navios modernos e em estruturas diferentes dos tumbeiros (navios negreiros). Mas, enfim quem ficou no prejuízo foram os negros, pois os senhores preferiam os brancos imigrantes do que se sujeitar a pagar pelo trabalho daqueles que outrora não eram assalariados.

E assim começou a construção das favelas, porque favelas, se o negro não tinha lugar na sociedade elitizada teria a necessidade de criar a deles, assim como aconteceu na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, a sociedade preta com suas próprias festas, bailes e muito mais... Porém mesmo tendo essa ousadia a repressão policial era grande e sempre invadiam esses espaços para acabar com as festas e reuniões sociais. “A cultura branca permeando os pensamentos negros”.

Os lugares que sobraram para habitação eram aterros, morros, ermos, começaram a construção dos barracos, para abrigos a primeira favela foi a do morro da Providência na cidade do Rio de Janeiro em 1897, um barraco por cima do outro, em um terreno declive, com grande depressão em seu entorno, dificultando o acesso, podendo ver através da foto a seguir a discrepância racial e social na paisagem quando se refere a moradia. As mulheres aumentaram a venda de quitutes nas ruas, sustentar a casa lavando roupa de ganho, pois o homem malmente encontrava um trabalho informal, com isso a responsabilidade familiar ficou toda para a mulher negra.



Foto<sup>17</sup>: A primeira favela do Brasil, Morro da Providencia

O que restou dessa abolição? Uma falsa liberdade, empreguina a falta de assistência, estudo, profissionalização e assim por diante. O negro agora liberto, fazer o que da vida, tentar se estruturar para poder sobreviver nas mazelas da sociedade ainda escravagista. Chegou o 13 de maio de 1888, libertos, sim, mas sem integração com a sociedade.

Criou-se o movimento negro chamado de Frente Negra Brasileira em 16 de setembro de 1931 que um dos seus idealista era Francisco Lucrecio, foi criada embaixo de um poste, e os acusaram até de racismo reverso nessa época (racismo ao contrário) a frente negra escreveu 400 negros nas forças armadas e muitos deles foram aprovados, já que naquela época não era possível.

Teve progresso e êxito em muitos dos seus projetos, entretanto quando quiseram se cadastrar como um partido houve muitos embates no judiciário dizendo que seria um partido racista. Em 1936 consegui o registro de partido politico, entretanto em 1937 o Brasil sofrera o golpe de estado e Getúlio Vargas extinguiu todos os partidos, e o da frente negra foi junto. Tentaram conservar o movimento mudando o nome para União Negra Brasileira, mas as censuras e repressões eram muito grandes.

---

<sup>17</sup> Fonte: [www.historiaviva.com.br](http://www.historiaviva.com.br) (2011). Acesso em 22/11/2018

## O NEGRO E ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Arqueologia é a ciência que estuda as sociedades mais antigas, a partir das provas (objetos) por elas deixadas, isso quer dizer, vestígios materiais, cerâmicas, líticos, pinturas, armas entre outros que me muitas vezes são encontrados nas escavações feitas pelos arqueólogos e arqueólogas. Etimologicamente a palavra arqueologia no grego quer dizer “ciência que estuda o passado”, ou “ciência que estuda o antigo”. ( Funari, 2007.p.:51)

Para Charles E. Orser, Jr (1996) a arqueologia histórica é uma parceria entre os homens e as coisas, os objetos de uma sociedade longínqua, precisamos estudar todo o nosso passado a partir destes artefatos materiais que representam uma cultura. Referindo a cultura esses artefatos da arqueologia histórica é uma representação dos povos que tiveram suas vozes silenciadas, abafadas por um processo escravizador, adestrado de seres humanos, que não podiam sentir dor, sorrir, ou até mesmo serem donos dos seus corpos e almas Ranger (1997).

Arqueologia histórica vai sofrer uma das suas primeiras transformações, com as revoluções epistemológicas que tomam conta de todas as ciências sociais do período, e não só da arqueologia em particular. A luta pelos direitos civis e das minorias atinge a arqueologia histórica mudando seu foco para o passado dos “povos sem história”, ou seja, dos escravos africanos, dos trabalhadores imigrantes ou das mulheres e crianças. Minorias até então marginalizadas ou esquecidas tomam o palco central das pesquisas, que agora também são conduzidas por profissionais formados em outras áreas como a antropologia. Costa (2010) explana:

A arqueologia histórica é a área que estuda pesquisa e investiga os costumes, simbologias, rituais que existem no Brasil, a partir da inserção da cultura europeia no país, quer dizer colonização durante o século XVI. Não podemos esquecer que a arqueologia histórica tem uma influencia da ciência antropológica e histórica, virando uma área só com subdivisões, ramificações.

Ela é composta por correntes teóricas que tiveram origem na arqueologia pretérita. De inicio é a histórico-culturalista que fala sobre os grupos étnicos e seus agrupamentos de acordo a cultura materialista. Entretanto, uma discussão teórica originária do século XIX ainda estava em voga na arqueologia histórica de 1960, a de que se a arqueologia histórica era mais

uma forma de história contada como estudo material ou de antropologia das sociedades antigas. (COSTA, 2010.p.4)

A arqueologia culturalista explora a parte do estudo minucioso dos vestígios materiais antigos encontrados e após estudar a sua origem e sua função partindo do pressuposto de onde foi achado e onde ocorreu o fato. Segundo Alarcão (1996):

A arqueologia histórica culturalista estuda vestígios do passado, pertencentes a rituais, território, funerárias e outros. Que a partir desse estudo declina a função de cada objeto encontrado, observando modelo, traços, funções habituais, procurando outros vestígios que contenham semelhança para melhor classifica-los, fazendo um paralelo. (p.9)

O processualismo Inglês surge em meados da década de 60, com análise no comportamento humano, e a sua convivência adaptativa em qualquer espaço e período. De acordo com Costa (2013) Binford e Clark surgem nesse tempo com estudos cientificista e positivista, com a finalidade de compreender a materialidade cultural de cada cultura, não muito diferente do histórico culturalista, adentrando na arqueologia histórica será usada para datação de cachimbos, louças ou escalas de valor. (p.30)

Os arqueólogos que seguiram essa linha buscavam “ser mais científicos e mais antropológicos” (JOHNSON, 2000: 38). Não à toa, um dos líderes dessa geração, Lewis Binford, defendia uma visão da arqueologia como antropologia (BINFORD, 1962). Pretendia-se encontrar regularidades no comportamento humano ou, melhor explicando, leis transculturais de comportamento (FUNARI, 2005).

Pós processualismo surgiu na Inglaterra também por volta de 1980, aprofunda não só na cultura material, mas também na investigação daquele artefato de modo geral. E é uma corrente teórica que envolve com pessoas e a sua cultura material abrindo novos horizontes, para os estudos do poder social, da ideologia e de gênero (COSTA, 2010), tendo como instrumentos de aporte teórico a hermenêutica e fenomenologia a partir de uma ótica de pensadores sociais da época. De acordo com Schanks (1987):

Ele tem um corrente com várias ramificações, diferente do processualismo. O pós processualismo tem base em pensadores sociais como Karl Marx, Michel Foucault, Pierre Bourdieu entre outros usando os instrumentos teóricos como: a hermenêutica e fenomenologia. (p.89).

A arqueologia histórica é a área que estuda pesquisa e investiga os costumes, simbologias, rituais que existem no Brasil, a partir da inserção da cultura europeia no país, quer dizer colonização durante o século XVI. Não podemos esquecer que a arqueologia histórica tem uma influencia da ciência antropológica e histórica, virando uma área só com subdivisões, ramificações. LIMA (1993) explica que: no Brasil, os primeiros sítios históricos começaram a ser escavados, ou explorados a partir da década de 30, um desses trabalhos foi o de Herman Kruse nas casas fortes da Bahia, e Fernandes na parte fúnebre quilombola, no estado do Paraná. (p.69) O Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica-PRONAPA na década de 60 também deu uma alavancada nessa parte de sitio histórico, pois pesquisavam a história cultural de cada povo. Não à toa, esses arqueólogos utilizavam os princípios teóricos e metodológicos correspondentes à abordagem histórico-cultural (SYMANSKI, 2009).

No Brasil arqueologia da escravidão começou na década de 70 de acordo com Guimarães e Lana (1980) a partir de estudos feitos em quilombos, com materiais que foram coletadas cerâmicas, cachimbo, painéis de ferro, ossos mamíferos, garrafas de vidro dentre outros (P.147). Os quilombos são bem estratégicos, em locais de difícil acesso, o quilombo dos Palmares é um exemplo de localidade de difícil acesso, se reportarmos ao período que foi instalado, Funari e Oser (1993) fizeram uma escavação e encontraram não só materiais africanos, mas também vasilhame indígena, cachimbos, cerâmicas coloniais e louças europeias, servindo assim para uma nova construção identitária palmareana.(p. 183.184)

Já na década de 80 inicia-se uma mudança com a inclusão de novas técnicas, teorias e novas temáticas, principalmente na parte étnica, espaços de subalternidade, conflitos e ameaças como: senzalas, quilombos, passam a ser estudos, a materialidade começa a explicar a sua origem, o comportamento das comunidades que ali habitaram, ampliando informações que antes não

tinha, e quando tinham eram pouquíssimas. Foi quando a Arqueologia Histórica finalmente cristalizou-se como uma importante ferramenta para a compreensão do passado brasileiro e foram abertas novas perspectivas com objetivos de darem voz a minorias étnicas e grupos subalternos, oprimidos, cujas ações não são explícitas em documentos oficiais; resgatar práticas cotidianas sobre as quais normalmente não se escreve; recuperar memórias e assim por diante (LIMA, 2003).

E assim a academia começa a aceitar e receber dissertações e teses a respeito da arqueologia histórica e proliferando o debruçamento de outros na mesma linhagem de pesquisa e consolidado essa área. Isso ocorreu na década de 90. Funari e Noeli (2001) que a arqueologia histórica é dividida da pré-história a partir do seguinte: na pré-história não existia a escrita, nada de documentação, e a arqueologia histórica período após a inserção da escrita, como já havia escrito, aqui no Brasil com a chegada dos europeus, chegasse a escrita e a partir desse período classificasse como arqueologia histórica, e ela tem linhas teóricas mais consolidadas o pós-processualíssimo. (REIS, 2002; SYMANSKI, 2009).

Sendo a arqueologia histórica um campo transdisciplinar e muito cíclico existem alguns campos de estudo: arqueologia do conflito, bélica, gênero, urbana, da escravidão e diáspora africana, colonial e pós-colonial.

O estudo da arqueologia histórica tomou um rumo relacionado à arqueologia da diáspora africana e escravidão, sobre a sua perpetuação cultural, organizando de modo inovador as suas identidades e práticas no novo mundo. Com isso (OSER 1998) e (HEYWOOD 2009) exprimem:

Que existe uma necessidade essencial de estudar a identidade negra no Brasil, demonstrando a forma que reconstruíram fora do seu país de origem, todas as suas práticas identitárias, com tradições culturais, crenças, com a movimentação constante dos objetos e mitos dos afrodescendentes. (p.10)

Precisa-se entender que no Brasil chegaram diversos povos oriundos da África, e os negros tem toda a sua identidade vinda da experiência de uma escravidão e um racismo estrutural. (GILROY 1993) explica que:

A situação da identidade dos africanos, não tem como separarmos de toda essa história da escravidão e colonização brasileira. O Brasil tornou-se um país com uma comunicação étnica de diversos povos que atravessaram esse atlântico e começou essa troca cultural ainda no navio negreiro ( p.38)

Sabe-se que a arqueologia histórica é interligada a sociedades que possuem leitura e escrita, entretanto sempre quando se fala da escravidão entende-se que os documentos escritos sobre aquela época existem uma visão do colonizador, já que os cativos não aprendiam a ler nem escrever, pois um escravo que aprendesse a ler e escrever eram tido como esperto, e podia sair do controle do seu senhor. Por isso que existe a Etnoarqueologia, uma disciplina contida na arqueologia para dar o arcabouço necessário dos fatos históricos dos povos subalternizados, usando como prova a cultura material, os artefatos deixados por essas comunidades. Com base nesses dados FUNARI (2002) explana:

A arqueologia histórica refere-se a sociedades modernas com escrita e leitura fazendo assim uso de documentações para comprovar dados investigativos, já os dados históricos “fornecem informações de formas não disponíveis e até mesmo confrontar as fontes escritas” (p. 107)

Ela tem as fontes específicas para as pesquisas, e cada uma dela tem a sua função de acordo com a linha a ser estudada, essas fontes são: estruturas, arquitetura, artefatos, documentos escritos, oralidade e imagens pictóricas. A partir de agora cada uma dessas fontes serão definidas.

## **2.1 ARTEFATOS E ESTRUTURAS**

De acordo com Oser (1981) São objetos confeccionados, ou alterados por seres humanos, podendo ser fragmento de cerâmica, ferramentas, fragmentos de louças, garrafas, obras de arte, o que tiver de evidencia humana. (p.81) Está incluindo nessa categoria, a partir desse processo começam a diversas pesquisas de como foram feitos, local, qual tipo de material teve em sua confecção de osso, madeira entre outros. Também fazem parte desse processo vidros, botões, pistolas, recipiente e muito mais. Já as

estruturas são associadas a construções de casas, fortes, engenhos dentre outras construções.

## **2.2 ARQUITETURA**

Nessa categoria existem duas vertentes a acadêmica e vernacular, explicando a á acadêmica ela quer dizer que são construídas por pessoas que estudaram para fazer esse trabalho, ou seja, são arquitetos, chamada de “alta arquitetura” dividida em estilos clássico, romano, gótico, barroco e assim por diante, com as características bem distantes uma das outras facilitando assim sua descrição. Já a vernacular é restringida apenas na crença de um povo.

## **2.3 DOCUMENTOS ESCRITOS**

Na arqueologia histórica a documentação também é muito importante igualmente os materiais arqueológicos (artefatos) e as construções. Deetz (1977) afirma que: “a capacidade de ler e escrever do povo que fala e estuda diferencia a arqueologia histórica e pré-histórica”( p.39).

Existem dois tipos de fontes relacionada a arqueologia histórica são elas: as primárias que é quando o indivíduo realmente contemplou o acontecimento e a secundária não participaram deste acontecimento do passado, sendo reescritas pelos historiadores do momento(OSER, 1981.p.:40)

Documentos que os arqueólogos utilizam como dados estruturais para suas pesquisas documentais certidão de casamento, nascimento, óbito, registros pessoas e memórias. Com pesquisas pode-se descobrir qual era o tipo de alimentação dos escravos em fazendas, como diz CHARLES, OSER (1996) com base no estudo feito numa fazenda descobriu-se que a alimentação de alguns dos cativos associando aos ossos animais da choupana de escravo não condizia com que os fazendeiros anotavam em seus registros históricos (p.40) precisa saber que os documentos históricos são de suma importância para arqueologia histórica, porém em muitos momentos precisa escavar para dar veracidade aos fatos históricos do nosso país. Porque alguns documentos históricos podem ser duvidosos, não conter muita realidade.

## 2.4 INFORMAÇÕES ORAIS

Quando tem testemunha para contar o fato ocorrido naquele sítio arqueológico, torna-se muito útil conhecer a historicidade e os habitantes daquele local (sítio), ou seja, seu povo original. Pessoas que viveram no mesmo período, ou próximo ao mesmo tempo dos habitantes do sítio, ou da região a ser estudada, a arqueologia trabalha muito com a tradição da oralidade, informações passadas de geração em geração.

Etnoarqueologia é uma tipologia da arqueologia histórica e interpreta o material arqueológico e faz ligação ao contexto cultural. Segundo ORTEGA (2012) ela tem uma vasta ampliação na interpretação de cada vestígio a ser abordado, como: o descarte da matéria prima, técnicas de manufaturas e objetos, usando para este fim as pesquisas etnológicas e etnográficas de comunidades passadas. (p.01).

Silva (2009) afirma que ela surgiu da prática arqueológica de utilizar o dado etnográfico para embasar interpretações sobre os contextos arqueológicos e foi desenvolvida no contexto dos debates sobre o modo como das interpretações (p.122). Os estudos etnoarqueológicos estão ligados a grupos étnicos, pois suas matérias, objetos culturais os identificam em algum lugar do passado em que foram silenciados. A compreensão dos materiais arqueológicos começa a ser explicadas através do contato de indivíduos de diferentes populações, suas mutações culturais reportando ao processo de difusão e migração étnica. (JONES, 1997,P.45)

Na década de 90, a Etnoarqueologia teve uma grande influencia da arqueologia pós-processualista, iniciada por HODDER (1986), considerando a cultura material não como um reflexo passivo de estruturas sociais e econômicas, mas como um elemento ativo, utilizado para produzir e reproduzir relações sociais (SYMANSKI, 2009,p.286).

A etnoarqueologia passou a incorporar “novos temas e problemas, dedicados a compreender os aspectos simbólicos da relação humana com o mundo material, enfatizando, por exemplo, estratégias de poder, cosmologia e vida ritual” (DAVID, 1992 apud SILVA, 2009:2) Interessante nesse estudo etnoarqueológico são os artefatos encontrados em locais específicos, que possuem ligações históricas com grupos que antes habitou naquela localidade,

afirmando através de todas as pesquisas uma ligação sanguínea dentre esses povos. Thomas (2001) revela:

o uso contínuo de lugares através dos tempos chama a atenção para as conexões historicamente construídas. A um nível mais específico, os vestígios da atividade humana na paisagem podem representar uma fonte de informações detalhadas sobre as relações de parentesco (p.165)

Para Gould (1974), a abordagem etnoarqueológica não permitiria o estabelecimento de analogias concretas e diretas, porque os dados etnográficos nem sempre apresentavam correlatos arqueológicos ou, ainda, que a própria visibilidade arqueológica é, muitas vezes, precária. (p.361) Existiam dois tipos de pesquisa etnográfica, a primeira era sobre os modelos contínuos estava relacionada a comunidades históricas sendo estudadas como ponto chave as populações através da comparação, e o segundo modelo era o da descontinuidade que não era comprovada. No segundo caso deveriam ser considerados, preferencialmente, grupos que ocupassem os mesmos tipos de ambiente e apresentassem tecnologias semelhantes Silva (2009).

Em trabalho posterior, Gould (1980) radicalizou ainda mais suas posições contra o que chamava “argumento pela analogia”, passando a defender o “argumento pela anomalia”, no sentido de que observar as diferenças entre os contextos etnográficos e arqueológicos é tão importante quanto pesquisar as similaridades.

A etnoarqueologia é utilizada para que o arqueólogo entenda os processos mais gerais possíveis como, por exemplo, organização tecnológica, uso do lugar e mudança cultural Kent explica:

O etnoarqueólogo desenvolve sua pesquisa a partir de uma problemática arqueológica e busca, no dado etnográfico, a base “para a formulação e teste de hipóteses, modelos e/ou teorias a respeito do seu interesse e retorna ao registro arqueológico para implementar o conhecimento alcançado a partir do dado etnográfico” (KENT, 1987, p. 37).

Para Stark, (1993) Os estudos de cultura material passaram a enfatizar, por exemplo, a sua relação com as estratégias de poder, a cosmologia e a vida ritual. Enquanto a etnoarqueologia processual procura identificar regularidades

interculturais, a etnoarqueologia pós-processual procura entender os princípios estruturais subjacentes à relação homem versus mundo material, específicos em cada contexto ( STERNER; GAVUA, 1988; KUS, 1997; LYONS, 1998).

A etnoarqueologia passa a ser uma abordagem ampla, deixa de ser apenas um estudo e compreensão dos povos pretéritos e passa a ser um estudo dos indivíduos contemporâneos. (RUBAL 2009) aponta que:

A etnoarqueologia deixa de ser uma abordagem arqueológica voltada, exclusivamente, à compreensão das populações no passado, para a se transformar em uma possibilidade de entender as populações do presente em termos de suas relações com a natureza e a sobrenatureza. (p.49).

Ela possui uma forma de estudo interdisciplinar, ampliando a compreensão de todo o material arqueológico dos tempos pretéritos, servindo como demonstração do comportamento símbolo das comunidades pretéritas e suas relações culturais provenientes de diferentes costumes. Jucelia (2013) discorre:

Etnoarqueologia caracteriza-se por propor uma forma de estudo interdisciplinar em que a compreensão de vestígios materiais do passado pode ser feita como um testemunho dos comportamentos humanos pelo intercruzamento de dados de diferentes naturezas. (P.22)

Para Poloni (2009) O arqueólogo faz toda uma leitura relacional entre o artefato humano e a comunidade em que está inserida, qual a relação existente entre esses dois. A partir dessa visão arqueológica pode-se compreender como foi produzido e disseminar conhecimento, identidade, significado, esse estudo arqueológico replica na formação da analogia, compreensão de significados da função de cada artefato étnico encontrados em escavações de quilombos, ou comunidades tradicionais. (P.88)

Para estes estudos mais aprofundados relacionados ao conhecimento da comunidade humana e suas produções em um cenário científico, entra a etnoarqueologia sob os contextos arqueológicos e ecológicos, criando uma linha de analogias que irão agregar conhecimento para todos os povos, com uma ótica comparativa, sendo assim a etnoarqueologia é vista como uma subdisciplina da arqueologia histórica, como define Politis (2002):

“(…) la producción, tipología, distribución, consumo, y descarte de la cultura material, con especial referencia a los mecanismos que relacionan variabilidad y la variación al contexto sociocultural y a la inferencia de los mecanismos de procesos del cambio cultura.” (POLITIS 2002, p.68)

A partir da tipologia e o manuseio de cada artefato até o seu descarte, pode-se compreender qual era o seu âmbito cultural, qual grupo étnico pertencia, seu período de habitação no local.

## 2.5 CULTURA

Conceituar cultura não é uma tarefa fácil, mas ela é todo o conjunto de crenças, hábitos formas de pensar, agir, tudo o que é vivido, passado e adquirido pelas pessoas. A humanidade é o reflexo de um longo e extenso processo de acumulação cultural. Cultura é um guarda-chuva muito amplo e cheio de práticas culturais.

Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216). Entretanto a palavra cultura vem da origem latina, que significa cultivar ou instruir construir. Falando de acordo a etimologia da palavra ela remete a terra, ao cultivo agrário (produzir), isso também está ligado a todos os seres humanos, pois todos produzem cultura, não existe seres humanos sem cultura. Olveira (2014) Define:

Sabemos que a palavra cultura é de origem latina. Deriva do verbo *colere* (cultivar ou instruir) e do substantivo *cultus* (cultivo, instrução). Etimologicamente tem muito a ver com o ambiente agrário, com o costume de trabalhar a terra para que ela possa produzir e dar frutos. Não existem grupos humanos sem cultura e não existe um só indivíduo que não seja portador de cultura. (p.6)

O primeiro a formular o conceito da palavra cultura foi o antropólogo Taylor (1871) na sua obra cultura primitiva, dizendo que cultura é tudo que inclui crenças, conhecimentos, arte, mora, lei e costumes adquiridos pelo homem na sociedade ( p.29).

Já para Linton (1965) a cultura consiste na soma de ideias de qualquer sociedade, com as reações emocionais a comportamentos padrões adquiridos por instruções ou até imitações. (p.316). Boas (1964) diz que a cultura é o conjunto amplo das reações mental e físicas caracterizando assim o comportamento do individuo e a que grupo o mesmo pertence. (p.166).

Malinovisk (1964) na sua obra Uma Teoria Cientifica da Cultura, conceituou “todo o global consistente de implementos e bens de consumo, de cartas constitucionais para os vários agrupamentos sociais, de ideias e ofícios humanos, de crença e costumes” (p.43). Keesing (1961) exprime o seu conhecimento de cultura sendo o comportamento cultivado pela totalidade de experiência adquirida e acumulada pelo homem e transmitida socialmente, ou adquirida por aprendizado social (p.149).

A antropologia estuda a cultura do homem. A partir dos seus hábitos ou costumes como: a sua evolução, corpo, invenção, instrumentos que manuseia grupos e outras características, isso chamamos de cultura, e Wagner (2008) supõe:

A antropologia estuda o fenômeno do homem a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos, não simplesmente em si mesmos, mas como elementos ou aspectos de um padrão geral ou se um todo[...] os antropólogos tomaram uma palavra de uso corrente para nomear o fenômeno e difundiram seu uso. Essa palavra é cultura. (WAGNER, 2008.p.37)

A cultura ela não existe se não for através dos seres humanos, dos seus pertences, sua motivação, o seu ser político, um povo de um determinado território. O homem, a mulher ou a criança é um agente cultural, mesmo não tenho conhecimento desse fato, um transportador e ao mesmo tempo um armazenador dela, nos seus atos cotidianos no ir atrás do seu alimento, para saciar a sua fome, recorrendo a sua fé orando, todas as ações do ser humano é uma cultura. Vannucchi (1999) relata que o ser humano:

Ele é também e principalmente um agente de cultura, ainda que, muitas vezes, não tenha consciência disso. E agente cultural de atividade incessante, seja caçando, para matar a fome, seja recorrendo a divindades, em oração, seja ordenhando vacas, seja operando computadores. (VANNUCHI, 1999.p.: 21)

Precisamos entender que a cultura não é definida, ou seja, exata ou verdadeira, os seus agentes são desde um lavrador a um diplomata. Enfim toda ação do ser humano é cultura. A cultura não é a natureza, mas sim toda a ação humana para com ela ex: a terra é natureza, mas o plantio é cultura, o mar é natureza, mas o navegar é cultura (VANNUCCHI.1999.p.22).

Existem classificações sobre a cultura como:

Cultura Ergologia (material) Marconi & Presotto (2001) são os bens materiais, os tangíveis, na arqueologia elas são os artefatos encontrados oriundos de escavações ou não, sendo os cachimbos, louças, faianças, pontas de projétil entre outros, produto ou objeto concreto, palpável (p.27).

Cultura etnológica Vannuchi (1999) que é a ciência, ou o ramo específico da cultura que estuda os povos pretéritos, a partir de documentações e fatos provenientes da etnografia, fazendo as comparações necessárias (p.26). Binford faz a questão da comparação cultural, entre grupos étnicos de épocas diferentes.

Cultura imaterial componente intangível, não palpável, está inserida na crença, conhecimento, saber, no ser abstrato dos seus significados. Hoebel (1966) explica que é o comportamento entre si, em atividades motoras, e o que se passa no íntimo de cada ser humano, o sentir, o ouvir, e em muitas vezes assim como a capoeira o imaterial tem fusão perfeita com o material, a ginga imaterial e o instrumento que dá o toque das músicas o material. (p.217)

Conceito filosófico sobre a cultura é definido à própria existência do ser humano no mundo, o processo que passaremos enquanto vivermos nesse ecossistema somos o objetos e sujeitos da cultura ao mesmo tempo.

E a subcultura, o que vem a ser? Uma constante transformação da cultura total. Sem contar que para existir uma cultura é necessário um conjunto retalhos dentro dessa cultura, ou pode ser, uma subcultura, sendo que Linton (1965) fala que a cultura é um agregado de subculturas, ela não tem valor conotativo ou denotativo, não é superior ou inferior, e não tem ligação a espaço, podendo ligar a subgrupos étnicos e castas (p.369).

Adentrando na cultura material dos negros podemos explicar sobre os diferentes grupos que vieram para o Brasil sendo um deles os yorubas que

trabalhavam, dominavam muito a questão da agricultura e criação de gados. Na arte teve o papel afro religiosos com as esculturas, ou patuás popularmente dizendo a figa, braceletes, orixás dos cultos religiosos. E para confirmar essa arte secular aqui no Brasil , quando houve a escavação na serra da Barriga o Quilombo dos palmares, foram encontradas alças ( cabos) de frigideiras em forma de figas, a questão da cultura material ligada a crença, ao misticismo religiosos dos africanos.

Marconi & Presotto (2001) explica que os objetos de bronze, metais como armas de caça, pesca vieram de Moçambique. Na arquitetura prevaleceram os iorubas e angolenses com as construções de barro batido, (as casas de taipas) (p.278).

E a cultura imaterial está atrelada a linguagem e as crenças religiosas ( sincretismo religioso) na Bahia teremos o candomblé, no Rio de Janeiro a Macumba, xangó no nordeste ocidental, tambor no Nordeste oriental e por fim Batuques ou Pará no Rio Grande do Sul. (Marconi & Presotto, 2001). Sendo que os yorubas adaptaram os seus orixás aos santos da igreja católica para poder cultuar durante o período escravocrata que essa associação perpetua até os dias atuais.

## **2.6 PATRIMÔNIO IMATERIAL**

A palavra patrimônio, bem como memória, compõe um léxico contemporâneo de expressões cuja característica principal é a multiplicidade de sentidos e definições que a elas podem ser atribuídos (Ferreira, 2006).

Pereira (2012) O patrimônio imaterial da humanidade foi criado em 1997 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO - para a proteção e o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial (p.12)

O patrimônio cultural pode ser definido com bem ou bens de natureza material ou imaterial de grande valor para a nossa identidade, o bens culturais materiais são os palpáveis como construções, museus, sítios paisagísticos, cinemas, documentos, conjuntos arquitetônicos como as cidades de: Ouro Preto, Tiradentes, São Luiz e outras, os paisagísticos também lençóis, grutas do lago Azul, morro do corcovado e outras paisagens. Os patrimônios

imateriais qual será focado nesse trabalho, são relacionados aos saberes, habilidades, crenças, práticas e modo de ser das pessoas, manifestações musicais, cênicas, festas e outras práticas da vida cultural, nas praças, supermercados, santuários entre outros (IPHAN).

Ferreira (2006) destaca que para além da origem jurídica do termo, o sentido evocado ao termo patrimônio é o da permanência do passado, da necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento.

Londres (2012) define patrimônio como: “Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia”.

Os registros e inventários organizados pelo IPHAN têm contribuído para com a valorização dos bens simbólicos e o seu reconhecimento pela sociedade de forma positiva, sendo estes utilizados como recursos turísticos e como fonte de receita para suas comunidades, além da divulgação pela mídia, (LONDRES, 2004, p. 07).

O patrimônio tem uma visão muito ampla dos costumes do povo brasileiro, entendendo que são culturas passadas de geração em geração por longas datas, está refletida em diversas comunidades de povos e etnias diferentes. A palavra cultura vem de tempos longínquos desde os romanos, no século I. Entretanto no século XIX, a palavra cultura volta com toda a força, e aparece nos vocabulários, porém ela estava associada apenas ao povo elitizado, que fazia parte da sociedade naquele tempo.

Todavia teve um salto simbólico muito grande, passando a conceituar e transmitir sobre os valores adquiridos por determinados povos, fazendo assim a diferença de um grupo para o outro. Benedict (1887-1948) exprime que a cultura é como uma lente ocular, que o ser humano vê e interage com o mundo a partir dela. Já Brumann (1999) enxerga de uma forma mais complexa a cultura, que é o conjunto de padrões conquistados socialmente, partindo do pressuposto de pensar, sentir e fazer, e precisa apenas de uma interação social.(p.523)

Sanhlins (2000) firmar que “acultura é tudo”, pois não existe natureza que não se expresse de forma simbólica.

Com anseios sobre uma definição estática de cultura os antropólogos começaram a experimentar e pesquisar diversas expressões culturais. O mais incrível é que a partir desses estudos começamos a compreender que desde o nosso modo de comer até o vestir faz parte de uma cultura, pois sabe-se que a cultura não é dada, ela é uma herança que adquirimos dos nossos ancestrais, proveniente de grupos étnicos de tempos pretéritos , assim podemos perceber a diferença que alguns comem de garfo e faca, outros com as mãos, alguns com apenas dois palitos, isso podemos chamar de dinâmica cultural Pelegrine (2007).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, conceitua o patrimônio imaterial como manifestações de saberes, modo de fazer, as celebrações, expressões cênicas, musicais, lúdicas e nos espaços de feiras, mercados, santuários surgidos por ações coletivas (pagina do IPHAN). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

Vianna (2003) destaca que os instrumentos de registro dos bens imateriais, não são fechados, normativos e restritivos, mas abertos aos pontos de vista e expectativas dos portadores de tradições culturais específicas, pressupondo a dinâmica própria dessas tradições, sem pretender, portanto, “engessar” suas formas e conteúdos no tempo e no espaço.

Os artigos 215 e 216 da Constituição de 1988 ofereciam garantias ao “pleno exercício dos direitos culturais” e ao “acesso às fontes da cultura nacional”, além de admitir a contribuição dos indígenas e negros na formação da “nação” brasileira. Até 2016 foram reconhecidos nacionalmente os seguintes bens:

<b>Nº</b>	<b>BEM CULTURAL</b>	<b>LIVRO DE REGISTRO</b>	<b>DATA DE REGISTRO</b>	<b>UF</b>	<b>ABRANGÊNCIA</b>
01	Ofício das Paneleiras de	Saberes	20/12/2002	ES	Local

	Goiabeira				
02	Arte Kusiwa-pintura Corporal e Arte Gráfica Wajápi	Formas de Expressão	20/12/2002	AP	Local
03	Samba de Roda do Recôncavo Baiano	Forma de Expressão	05/10/2004	BA	Estadual
04	Círio de Nossa Senhora de Nazaré	Celebração	05/10/2004	PA	Local
05	Modo de Fazer Viola de Choro	Saberes	14/01/2005	MT e MS	Estadual
06	Ofício das Baianas de Acarajé	Saberes	14/01/2005	BA	Local
07	Jongo do Sudeste	Forma de Expressão	15/12/2005	SP,RJ,ES e MG	Regional
08	Cachoeira de Lauaretê-Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papuri	Lugar	10/08/2006	AM	Local
09	Feira de Caruaru	Lugar	20/12/2006	PE	Local
10	Frevo	Formas de Expressão	28/02/2007	PE	Estadual
11	Tambor de Crioula do maranhão	Formas de Expressão	29/06/2007	MA	Estadual
12	Matrizes do Samba no Rio de Janeiro:	Formas de Expressão	20/11/2007	RJ	

	partido alto, samba de terreiro e samba enredo.				
13	Modo artesanal de fazer queijo de minas nas regiões do Serro, da Serra da Canastra e Salitre/Alto Paranaíba.	Saberes	13/06/2008	MG	Local
14	<b>Ofício dos Mestres de Capoeira</b>	<b>Formas de Expressão</b>	<b>22/10/2008</b>	<b>Todos os estados</b>	<b>Nacional</b>
15	<b>Roda de Capoeira</b>	<b>Formas de Expressão</b>	<b>21/10/2008</b>	<b>Todos os estados</b>	<b>Nacional</b>
16	Modo de fazer renda Irlandesa tendo como referencia o ofício em Divina Pastora/SE	Saberes	28/01/2009	SE	Local
17	Ofício de Sineiro	Saberes	03/12/2009	MG	Estadual
18	Toque dos sinos em Minas Gerais	Formas de Expressão	03/12/2009	MG	Estadual
19	Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis/GO	Celebrações	13/05/2010	Go	Local
20	Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro/AM	Saberes	05/11/2010	AM	Local

21	Ritual Yaokwa do povo indígena Enawenê Nawê	Celebrações	05/11/2010	MT	Local
22	Festa de Santa'Ana do Caicó/RN	Celebrações	10/12/2010	RN	Local
23	Complexo Cultural Bumba meu boi do Maranhão	Celebrações	30/08/2011	MA	Estadual
24	Saberes e praticas associados ao modo de fazer Bonecas Karajá	Saberes	25/01/2012	TO	Local
25	Ritxòkò: Expressão Artística e Cosmológica do povo Karajá	Formas de Expressão	25/01/2010	TO	Local
26	Fandango Caiçara	Formas de expressão	29/11/2012 <sup>1</sup>	SP e PR	Regional
27	Festa do Divino Espírito Santo Paraty/RJ	Celebração	03/04/2013	RJ	Local
28	Festa do Senhor do Bonfim	Celebração	05/06/2013	BA	Local
29	Festividade do Glorioso São Celebração Sebastião na Região do Marajó	Celebração	27/11/2013	PA	Local
30	Produção Tradicional e	Saberes	15/05/2014	PI	Estadual

	práticas socioculturais associadas à Cajuína no Piauí estadual				
31	Carimbó	Formas de Expressão	11/09/2014	PA	Estadual
32	Tava lugar de referencia para o povo Guarani	Lugares	03/12/2014	RS	Local
33	Maracatu Nação	Formas de Expressão	03/12/2014	PE	Estadual
34	Maracatu Baque Solto	Formas de Expressão	03/12/2014	PE	Estadual
35	Cavalo Marinho	Formas de Expressão	03/12/2014	PE	Estadual
36	Teatro de Bonecos Popular do Nordeste Mamulengo, Babau, João Redondo e Cassimiro Coco	Formas de Expressão	04/03/2015	RN,PE,PB,CE,DF	Regional
37	Modo de fazer cuias do baixo Amazonas	Saberes	11/06/2015	PA	Local
38	Festa do pau de Santo Antônio de Barbalha/CE	Celebrações	15/09/2016	CE	Local
39	Romaria Carros de Boi da festa do Divino Pai Eterno de	Celebrações	15/09/2016	GO	Local

	Trindade				
40	Caboclinho pernambucano	Formas de Expressões	24/11/2016	PE	Local

<sup>18</sup>Tabela dos patrimônios imateriais no Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (2016)

Patrimônio intangível ou imaterial são manifestações que não tocamos, ou sentimentos fisicamente, para reconhecer um patrimônio imaterial brasileiro de acordo com as normas de acordo a Instituição Federal, através do Decreto n.º 3.551/2000 foi instituído o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro e criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, *ex vi* :

**Art. 1º** Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

Vianna (2003) destaca que os instrumentos de registro dos bens imateriais, não são fechados, normativos e restritivos, mas abertos aos pontos de vista e expectativas dos portadores de tradições culturais específicas, pressupondo a dinâmica própria dessas tradições, sem pretender, portanto, “engessar” suas formas e conteúdos no tempo e no espaço.

## 2.7 IDENTIDADE NEGRA

<sup>18</sup> Fonte: [www.iphan.com.br](http://www.iphan.com.br) <Acesso em 27/11/2018>.

O negro passa por um processo diário, de reconstrução de identidade, agregando-a no seu subconsciente, é a construção de tornar-se negro, uma condição adquirida ao longo da sua vida numa sociedade racista. Souza (1983):

Ser negro é [...] tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1983, p.33)

De acordo com os conhecimentos básicos dos dicionários identidade vem do latim *identitas* que quer dizer idêntico, ou o mesmo (igual), diferenciados por comunidades, grupos étnicos, ou até como o indivíduo.

GLEASON (1980), diz que apesar das inúmeras produções existentes e apesar de todos os esforços empenhados, ainda não conseguimos ter uma resposta satisfatória à pergunta: o que é a identidade? (927)

A identidade faz parte de todas as sociedades, seja ela para defender um grupo étnico, se auto afirmar enquanto pertencente daquele grupo, para proteção ou até interesses pessoais ou de pensamento político.

De acordo com o antropólogo Munanga (1994):

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros ( identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA, 1994: 177-178).

Para Novaes(1993) a identidade ela serve para usarmos como discurso e criação de um coletivo como: mulheres, indígenas, negros, lgbtqs entre outros. Isso está ligado no sentido de igualdade, ou equidade melhor dizendo,

é o sistema e a sua representação social de um grupo que vive em constante embate:

É importante perceber que o conceito de identidade deve ser investigado e analisado não porque os antropólogos decretaram sua importância (diferentemente do conceito de classe social, por exemplo), mas porque ele é um conceito vital para os grupos sociais contemporâneos que o reivindicam (NOVAES, 1993, p. 24).

A identidade vai se construindo aos poucos de acordo a sua convivência com outros seres humanos, as relações com grupos étnicos e regionais contribuem com essa formação. Os seus traços indeníveis podem ser expressados através das suas ações diárias na forma de comer, andar, falar, festejar, cultivar dentre outras. Por isso Gomes (2002) discorre:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. ( GOMES, 2002.p.127)

Ferreira (2000), a categoria identidade, além de pessoal, é fundamentalmente social e política. É considerada como uma referência em torno da qual o indivíduo se auto reconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir das relações que ele estabelece consigo mesmo, com o outro e com o ambiente à sua volta.

Precisamos nos despir e refletir bastante sobre a identidade negra no Brasil, isso esse processo constitui de dimensões sociais e também pessoais, que andam lado a lado são ligadas pelo cordão umbilical da vida, interligadas pelo a partir da identidade racial, de gênero, sexual, classe e assim por diante.

Gomes (2002) Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser então, rejeitadas e abandonadas. Somos desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. (P.43)

Para edificar uma identidade negra em uma sociedade racista, é desafiador para todos/as negros/as desse Brasil. Uma sociedade que nos lembra a todo instante de que o que vale mais é a cor da pele clara, os lábios finos, nariz afinado, dentes sem falhas, que a religião do negro é do diabo. O negro trabalhou por três séculos gratuitamente sendo subserviente a todos os seus senhores, é uma luta construtiva e desconstrutiva diariamente que se enfrenta para a identificação da afirmação da identidade negra, vai além do ser político. Munanga (1994) afirma esse pensamento:

Como uma: tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil (MUNANGA,1994, p. 187).

Identidade negra vai além dos livros didáticos, ela está associada a luta diária de cada negro/a que vive no Brasil, cada estado possui uma maneira diferente de avaliar a identidade desse grupo étnico, podemos ver quem tem a sua identidade ameaçada, aqueles que são revistados todos os dias pela policia, os que são seguidos nos supermercados, que não passam em seleções de emprego por não se adequar ao perfil do trabalho, quem é encontrado pelas balas perdidas todos os dias, e dentre outras situações vividas corriqueiramente pelo negro, chega um tempo que passa a ser normal para as sociedade, ser perseguido, ter cara de bandido, não poder entrar em determinados ambientes por causa da cor da sua pele. Isso está associado à identidade, uma identidade de cor, porque mesmo aquele que ainda não se reconheceu nesse processo de indentitário a sociedade faz questão de fazer esse processo por você.

Identidade já diz tudo o que você é, sua construção de base, social, de onde vem, qual a sua classe social, seu conhecimento em algo seja acadêmico

ou simplesmente saber como plantar os alimentos, mas a sociedade insiste em fazer você esquecer as suas origens. Identidade em muitas vezes é abstrata, é uma cultura, um patrimônio imaterial, é o que sentes ao ouvir ou ver os seus iguais, chorar ou sorrir com eles. Participar dos melhores momentos dos que comungaram dessa construção, a sua memória ( identidade).

Não podemos entrar na discussão de identidade sem inserir a discussão de raça. O dicionário Aurélio define raça como: conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, a conformação do crânio e do rosto, o tipo do cabelo, etc., são semelhantes e se transmitem por hereditariedade.

O termo raça foi introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando a ideia de existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos (SUSSEKIND,1999,p.45,appud SCHWARCZ,2001, p.47 )

Munanga (2004 ) e Schwarcz (2001) discutem sobre hierarquia das raças e miscigenação baseadas nos estudos de medidas de crânios, queixos, ângulos faciais entre outros critérios, se revigora e passa a ser utilizada como justificativa para legitimar os sistemas de dominação racial chegando a idealizar a eliminação de raças consideradas inferiores. A teoria das raças.

Gomes (2005), Munanga (2004) e Guimarães (2005), descrevem sobre o uso do termo raça nos dias atuais como demarcador de diferenças construídas em uma sociedade racista e discriminatória. No qual esse termo está inserido na sociedade no século XXI ainda como relação de poder.

Para construirmos uma identidade negra, em uma sociedade altamente racista, ainda é doloroso e tardio, muitas vezes como (FANON 2008) diz, desviamos da nossa cultura, identidade existencial de forma obrigada, uma vez que a cultura europeia é a única civilizada, sendo assim, o branco é civilizados, e muito negros querem procriar na base o embranquecimento, para que as suas futuras gerações não sofram o racismo, a falta de identidade que ocorre ainda nos dias atuais.

“Nesses espaços, a identidade negra, enquanto processo, é problematizada, discutida, afirmada, negada, encoberta, rejeitada, aceita, re-significada e recriada. Tudo isso acontece ao mesmo tempo e, nesse sentido, os salões étnicos nos

colocam no cerne das tensões e também das possibilidades de recriação vividas por homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos negros.” (GOMES, 2003, p.179)

A acentuação das características fenotípicas do negro, particularmente a cor da pele, aproximou a questão racial daquilo que Erving Goffman analisou como “teoria do estigma”. Izildinha B. Nogueira, em sua tese Significações do corpo negro, oferece elementos que permitem analisar o processo de estigmatização a que se encontram submetidos muitos sujeitos negros. A partir desse modelo é que se constituiu socialmente sobre o “corpo negro” o repertório do execrável, ou seja, do inaceitável, ao mesmo tempo que se investiu a representação do “corpo branco” relacionando-o a atributos morais e intelectuais tidos como puros, belos e sagrados. Assim rotulado socialmente, o corpo negro é inscrito como marca de identidade. Nessa perspectiva, como nos alerta Stuart Hall, “negro” é transformado em uma categoria de essência. O significante “negro”, assim como o “corpo negro”, é racializado, desconsiderando-se a memória histórica, a diversidade, o contexto social e cultural. (FERNANDES, 2016, p.11)

A etnia também faz base da construção da identidade negra, a identidade é composta por vários fatores raça, cultura e etnia. Ferreira (2000) tenta definir e destaca que:

é importante ressaltar não serem citadas, na definição de etnia, variáveis biológica, portanto, raça e etnia não são sinônimos. Assim, membros de grupos raciais diferentes podem pertencer a um mesmo grupo étnico e membros de grupos étnicos diferentes podem pertencer a um mesmo grupo racial. (p.50)

Para Munanga (2004) o conteúdo do conceito de etnia é sociocultural, histórico e psicológico. O autor define etnia como “um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum, têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão, uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (p. 28). Munanga considera etnia um termo que agrada tanto aos racistas quanto aos antirracistas, pois o racismo praticado hoje não se apoia mais no “conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou

identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje” (p.29).

Hall (2003) enfatiza Quanto maior a relevância da etnicidade, mais as características são representadas como relativamente fixas.

### 3. CAPOEIRA A RESISTÊNCIA DE UM POVO SILENCIADO

O que significa capoeira afinal? Na língua tupi capoeira significa “o que foi mata” local que foi roçado, mata rasteira. Até nisso temos a inclusão dos povos escravizados, o negro e o índio. Mas, na verdade capoeira é uma ginga produzida pelos escravos vindo da África no qual : movimenta-se, um ritual de defesa, uma ação abstrata, inexplicável com palavras, apenas com as expressões faciais e corporais. Ela envolve a roda, dança, musica e alguns instrumentos.

Na revista Capoeira (1998) Vários mestres definiram subjetivamente o que era capoeira, e aqui haverá respostas de alguns deles:

Mestre Baiano Anzol, Rio de Janeiro/RJ: A Capoeira é um jogo de movimentação contínua, de velocidade, sem rigidez de movimentos. É na ladainha que mostra sua poesia e a força espiritual de seus praticantes. Diferencia-se, assim, das demais lutas, pela musicalidade contida no seu ritmo e no seu axé. Capoeirar não é uma simples seqüência de golpes e de saltos encadeados. É mais do que isso: é sentir a emoção de participar harmonicamente da troca de energias, contidas no movimento do corpo associado à fluidez da alma.

Mestre Canelão, Natal/RN: Capoeira, para mim, é coisa muito pessoal. Cada mestre tem a sua opinião. Eu vivo de Capoeira e ela é tudo: minha vida, minha filosofia.

Mestre Camisa, Rio de Janeiro/RJ: Capoeira é uma arte que engloba várias artes em uma só arte: é um trabalho, uma luta, uma arte, uma dança. É poesia. Tudo isto tem seu momento, ou seja, ela é o que o momento determinar. É luta nacional brasileira, filosofia de vida. Como consequência, o capoeira compreende a vida de uma maneira diferente: com mais jogo de cintura. Dessa forma consegue melhorar suas dificuldades e vivenciar com mais objetividade seus sentimentos.

Mestre Moraes, Salvador/BA: Capoeira é, para mim, a fusão de corpo e mente. Através da Capoeira pode-se trabalhar o corpo e estruturar a mente, para um entendimento da sociedade em que se vive.

Mestre Pinheiro, Juiz de Fora/MG: A Capoeira, para mim, é tudo. É uma arte, é dança, é uma ginástica, é cultura, é uma forma de defesa pessoal, é uma filosofia de vida. Não se pode falar de capoeira sem saber a sua história e seus fundamentos. Mestre Burguês, Curitiba/PR: A Capoeira é uma luta, arte, cultura, folclore, poesia, esporte, filosofia de vida, liberdade, expressão corporal, profissão, educação física; tradição de

povo e muito mais: é o ar que respiro. ( REVISTA CAPOEIRA,1998, p. 28-30)

Campos (1990) Existem duas versões da origem da capoeira “uma afirma que a capoeira teria vindo para o Brasil trazida pelos escravos, e a outra considera a capoeira como uma invenção dos escravos no Brasil” (CAMPOS, 1990, p. 17).

Em hipótese alguma podemos esquecer que a capoeira significa resistência dos povos africanos escravizados no Brasil, em busca da tão almejada liberdade, do seu bem mais precioso, seus corpos, ela é uma afirmação do não consentimento daquela situação imposta pelos colonizadores. O seu dançar, gingado, faz com que relembrem a sua terra de origem, a África. A sua batucada, a festa era a sua invocação ancestral, que reportava a suas raízes, culturas, para tentar amenizar o desabor da sua vida aqui no Brasil, com as perseguições, rejeições racial, social entre outras. ( GIL 2004) faz uma reflexão sobre a capoeira e contextualiza:

A capoeira é uma afirmação existencial do povo negro no contexto do escravagismo e do racismo de dominação presentes em momentos diversos da sociedade brasileira. jogo de gingas e na mandala da roda da capoeira está a história do povo negro na diáspora. O humanismo é a raiz da capoeira. Ela educa, ensina o respeito, dá sentido à mente e ao corpo, cria autoestima nos seus praticantes – dá sentido à vida do seu povo. Os batuques eram a festa dos negros, oportunidades para celebrações de valores culturais trazidos pelos africanos. Mas não foi fácil para a capoeira colocar o pé no mundo, transformar-se numa arte planetária. Muitas foram às adversidades enfrentadas ao longo da história: preconceitos sociais e raciais, perseguições policiais e rejeição das elites. (GIL, 2004, p.4).

A capoeira está inserida em mais 150 países em contextos múltiplos, além de ter se tornado objeto de reflexão acadêmica em diversas áreas do conhecimento. E obteve também alguns de seus elementos registrados como patrimônio cultural imaterial brasileiro e pode ser percebida, nos dias de hoje, nos palcos de teatro, salas de cinema e anúncios de publicidade (VIEIRA; ASSUNÇÃO, 2009).

A capoeira é uma manifestação de resistência, contra a violência,

relacionada ao povo negro por causa do fardo da escravidão e a exclusão social desse povo. Ela é uma manifestação cultural étnica, supostamente genuína do Brasil, Surgiu durante a escravidão, por africanos oriundos do País de Angola. Seu surgimento foi por volta do século XVI, como explana (FREITAS 2007):

Pesquisadores afirmam que o termo capoeira é citado pela primeira vez em 1712, por Bluteau, em livro publicado em Coimbra, Portugal, com o título “Vocabulário Português e Latino”. Freitas afirma que a definição do termo mais aceita pelos pesquisadores é de origem Tupi, apresentada por Soares (1880) como caa-mato, floresta virgem, mais puêra, o que foi e que não existe mais (FREITAS, 2007, p:55)

Segundo Hall (1997) a capoeira faz parte da vida dos afro-brasileiros, e identifica o povo negro pela sua identidade, tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos. A capoeira é a expressão nítida das rebeliões e insurreições no negro escravizado no Brasil durante a escravidão e também após ela, por causa desses fatores a capoeira é um Patrimônio Cultural Afro-brasileiro, é um direito constitucional e afirmação de uma identidade construída com muito ardor em um país que não era o de origem. A partir dessa análise (SILVA 2018) diz que:

Entendemos que a Capoeira expressa a história da resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão, propiciando formas de diálogo que respeitam a diversidade cultural brasileira. Portanto, a preservação da Capoeira como Patrimônio Cultural Afro-Brasileiro é um direito constitucional e a afirmação da identidade das comunidades onde esta atua, valorizando seus rituais e a manutenção de seus cânticos e gestos que expressam as suas visões de mundo, suas hierarquias e seus códigos de ética, revelando companheirismo e solidariedade. ( SILVA,2018,p:.5)

Os africanos aportaram aqui no Brasil, vindo através do meio de navegação que eram os tumbeiros (navios negreiros), sem muito patrimônio material que lembrasse a sua origem, sua cultura, só com o seu corpo, que continha todas as informações pertinentes a sua terra mãe, a África.

[..] os africanos chegaram praticamente com o seu corpo, foram muito poucos os objetos trazidos, eles eram na

verdade desnudados.../ O corpo era na verdade o grande arquivo que continha a memória das experiências que agora eram violentamente abandonadas, agora, podemos falar de patrimônio histórico e cultural das populações africanas transladadas, o primeiro território, o primeiro objeto, o primeiro elemento fundamental dessa memória é o corpo.(TAVARES,2015)

É um fenômeno corporal, antropológico de um povo que lutava pela sua liberdade. Possui golpes ágeis cabeçadas, giratórias, chutes, rasteiras entre outros. Que em dias atuais dizem ter personalidade artística. É composta pelos movimentos cruciais para o seu desenvolvimento, sua ginga, dança. De acordo com Macul (2012):

A teoria mais aceita entre os pesquisadores é aquela que identifica a capoeira como manifestação afro-brasileira. Estes entendem que ela se desenvolveu aqui no Brasil no período da escravidão, como luta de resistência à violência contra os feitores e capitães do mato. Inspirada em gestos de animais, rituais, costumes africanos e contato com os índios, a capoeira foi criada por africanos e seus descendentes em território brasileiro durante o período da escravidão. (MACUL, 2012.p.85)

Tem-se a necessidade de estar exercendo a ritualidade da capoeira, para assim poder manter viva a cultura étnica do povo negro no Brasil, sem submissão, ou receio de ser castigado, injustiçado a todo momento. Movimenta-se a alma como diz o mestre pastinha "capoeirista não é aquele que sabe movimentar o corpo, e sim aquele que se deixa movimentar pela alma".

A capoeira é uma luta por um mundo mais justo, passa sem dúvida pela destruição do racismo. A cada dia temos que afirmar nossa negritude e o protagonismo negro, em diversos espaços sociais. E na Capoeira não seria diferente. Negar a raiz negra da Capoeira e o racismo que ainda hoje ela enfrenta de determinados seguimentos da sociedade seria negar a nossa própria existência.

Pela necessidade de ter a liberdade, ser um ser humano livre os negros da África enxergaram na capoeira a sua válvula de escape contra os seus algozes.

É comum, entre praticantes, pesquisadores e admiradores, a afirmação de que suas raízes estão nos tempos da escravidão, na necessidade de resistência a ela, seja na luta contra os capitães do mato, ou na época das maltas - organizações que agrupavam negros e atuavam em determinadas regiões do Rio de Janeiro no século XIX - enfrentando a polícia. Desde esta época até a década de 1930 do século XX, a prática da capoeira era proibida por lei. ( BARREIRA & VALÉRIO (2016).

Já o mestre Pastinha fala que a capoeira da Angola é da África, porque veio com os africanos e foram eles que lutaram pela liberdade do seu povo no Brasil. Entretanto Zuma e Soares insistem em dizer que a capoeira é de origem afro brasileira, sendo aperfeiçoada e modela para usar contra o capitão do mato e seus inimigos. A capoeira era vista como forma de malandragem, bagunça sem futuro algum para os colonizadores, não traria progresso capitalista nenhum para eles, a não ser perder mais negros e negras fugindo para os quilombos.

Portanto, a capoeira é, por muitos, entendida como alguma forma de luta de resistência, na qual a malícia e a malandragem marcam suas características centrais, o elemento surpresa, a persuasão, o disfarce, o jogo de corpo que ilude, desconcerta, engana o adversário, desmonta suas defesas, ou contorna e escapa do confronto direto (ABIB, 2005; DIAS, 2006; DOWNEY, 2005; REIS, 2000; SODRÉ, 2002)

O processo de manifestação cultural da capoeiragem, não é apenas uma simples roda, ou algo sem grande importância religiosa, pelo contrário é ritual sagrado. Tem os mestres, quer dizer existe o nível, hierárquico, ou seja, o mais velho, uma dinâmica interna, só após ele permitir que comece o ritual, aí sim, inicia-se a roda de capoeira. Uma conversa entre uma ginga e outra, e um capoeirista e outro. Vários movimentos agachados, as mãos tocam no chão, saltam perfeitamente e ficam de cabeça para baixo. De acordo com Amatzuzi (2002):

Há, então, um modo típico de agir, de se movimentar, de atacar, de defender, de lutar ou de brincar. Os elementos da capoeira se mostram de modo dinâmico, simultâneo e fluido (Abib, 2005; Dias, 2006; Downey, 2005; Reis, 2000; Sodré,

2002). Trata-se, portanto, de uma manifestação da cultura que, como tal, “se dá num processo vivo, e não como um conjunto de produtos acabados” (AMATUZZI, 2002, p. 14).

Para haver capoeiragem, tem que existir a roda, por isso dizer-se que é uma manifestação cultural coletiva, precisa de vários indivíduos para ela se concretizar, disseminando saberes de todos os envolvidos. De acordo com Siqueira, os africanos se organizavam sob as determinações do sistema que os dominavam combinando sistemas jejê-nagôs ou sistemas originários do Congo, Angola, Moçambique entre outros. (SIQUEIRA, 2002,P.75).Era necessário essa união, para assim poderem sobreviver diariamente ao racismo e escravidão que os assolavam diariamente.

Associava-se muito a capoeira com a religião de origem africana, pois os mesmos sempre vestiam brancos no dia de sexta-feira, entretanto sabe-se que o povo negro em sua grande maioria estava interligado ao candomblé, religião essa de cunho brasileiro. Para Soares (1999, p.52), os dados que temos apontam para uma tendência: nagô a teria relação com africanos e baianos, seguidores da religião dos orixás, ou pelo menos próximos. Guaiamum seria uma tradição nativa, ‘crioula’, natural da terra, ligada aos escravos nascidos no Brasil.

E seus cantos obviamente eram difundidos na religião do candomblé, e podemos observar que até os dias atuais os capoeiristas e as capoeiristas usam brancos na roda de capoeira. A capoeira também era conhecida como mandiga, por causa dos golpes perfeitos, expressões corporais, o mandingueiro é aquele que sabe disfarçar, é esperto e meticoloso, o astuto e feiticeiro, tem o corpo fechado, faz oração forte para vencer seus adversários. Para Macul (2008):

Nesse sentido, mandinga aparece como um tipo de jogo cujo objetivo principal é ludibriar o contendor por meio da astúcia. Porém, no mundo da capoeiragem, o termo “mandinga” também se refere aos poderes mágicos atribuídos a alguns capoeiras, que em geral trazem pendurados no pescoço patuás ou talismãs, chamados, no período colonial, de “bolsas de mandinga” ou simplesmente “mandinga” – que em certos contextos significava feitiçaria. Dessa maneira, o corpo do jogador estava protegido de todos os perigos e se tornava invencível em qualquer roda de capoeira. Ora, originalmente, a

palavra “mandinga”, ou melhor, “mandingo”, como aqui ficaram conhecidos os malinquês, designava um povo africano islamizado oriundo da África Ocidental. Segundo Bastide, os malinquês eram famosos por serem grandes feiticeiros e mágicos. Não foi à toa que o termo “mandinga” acabou se popularizando como sinônimo de feitiço. (MACUL, 2008, p. 97)

Diziam que a capoeira era composta por negros que não trabalhavam, faziam parte da vagabundagem popularmente dizendo, e vadiagem os vadios era aqueles que trabalhavam de formas ilícitas, não aceitas pela sociedade do período sem contar que no período republicano a perseguição por capoeiristas era turbulenta. Entretanto a maioria dos capoeiristas era: carpinteiros, estivadores, pedreiros... Pois nesse tempo específico da república por volta de 1850 em diante, a mão de obra na lavoura estava ficando escassa e atribuíam grande parte dessa escassez a capoeira, sendo que havia outros quesitos envolvidos nessa escassez de escravos. Quem era pego fazendo vadiagem (capoeira) era preso e sofria punições de 15 dias.

Para os que eram apontados como vadios o código penal republicano previa a punição com prisão por até trinta dias e a obrigação de assinar um termo que os sujeitaram a “tomar ocupação dentro de 15 dias, contados do cumprimento da pena”. (LEAL, 2005).

A capoeira faz parte do sagrado, possui uma religiosidade. Sendo que dois instrumentos são essenciais para a sua concretização ritualística, mesmo alguns pesquisadores, exemplo: Rego (1968) não aceitarem essa associação diz que um não depende do outro, ele mesmo descreve o capoeira e o candomblé, dizendo:

É o capoeira que é omorixá (filho de santo), como é o caso do capoeira Arnol (Arnol da Conceição) que é filho de santo do famoso babalorixá (pai de santo) de Cachoeira, conhecido por Enock (Enock Cardoso dos Santos), o qual fez Oxóssi (Odé) em sua cabeça, dando o orukó (nome) de Odé Ajayi Koleji (O caçador de Ajayi não pode acordar). (...) Quando não é isso, é oloyê (dono de título honorífico) de uma casa de candomblé, é parente de mãe de santo ou pai de santo, ou foi desde criança criado em ambiente de casa de candomblé. (REGO 1968, p. 38)

Ela vem de um auxílio divino, dos orixás (orisás), com seus cantos e invocação, sem contar no atabaque, que está inserido nos dois espaços tanto

capoeira, quanto terreiro, estão ligados pela força transcendente dos seus ancestrais. Columbá (2013) afirma sobre essa conexão entre o candomblé e a capoeira:

A capoeira, como uma das manifestações da cultura afro-brasileira, conta sua história e de seus fazedores tendo a religiosidade como um dos pilares constituintes de seu imaginário social. Instrumentos como o berimbau e o atabaque, além de marcar o ritmo do jogo, possuem estreita relação com aspectos religiosos afro-brasileiros. A música e o canto são elementos simbólicos, narrando causos e lendas de deuses, orixás e encantados, que junto ao catolicismo dominante compõem o sincretismo fundador de uma religiosidade peculiar às manifestações culturais oriundas dos africanos e seus descendentes no Brasil.(COLUMBÁ, 2013,p.:02)

Caillois (1938) assevera que as narrativas míticas desempenham importante papel exaltando e codificando a crença, e, por conseguinte, sugerindo os princípios que irão garantir a eficácia do rito. Regrado e orientando os membros do grupo, ainda mais, apontando caminhos a seguir oferecendo um modelo exemplar que, entre outros aspectos, sacraliza o homem.

Havia algo a mais do que apenas a religião que alimentava os negros a terem coragem e serem resistentes, eles acreditavam nos sincretismos religiosos, através dos feitiços, preocupavam em ter o corpo fechado, proteção na hora da luta, mesmo invocando algum santo do cristianismo para a sua devida proteção, estava ligado a alguma crença africana incluindo a mandiga. Simões (2002) explana:

Mas não só era a religião africana que estimulava a coragem nos negros para resistir, em meio a tanta influência do cristianismo, acabou havendo um sincretismo afro-cristão. Ainda em discursos de mestres de capoeira do início deste século, pode-se verificar tal sincretismo quando estes falam da questão de se proteger contra os males provocados por algum feitiço ou se proteger dos perigos provenientes de uma luta e, para ficar com o "corpo fechado" (protegido dos males) faz-se orações que aca bam evocando santos do cristianismo e orixás do candomblé, ou então fazem orações evocando santos cristãos mas com a crença em alguma "superstição" africana. (SIMÕES, 2002,p.:28)

Segundo Bastide, os malinquês eram famosos por serem grandes feiticeiros e mágicos. Não foi à toa que o termo “mandinga” acabou se popularizando como sinônimo de feitiço. Para Dias (2009) essa mandinga:

Nesse sentido, mandinga aparece como um tipo de jogo cujo objetivo principal é ludibriar o contendor por meio da astúcia. Porém, no mundo da capoeiragem, o termo “mandinga” também se refere aos poderes mágicos atribuídos a alguns capoeiras, que em geral trazem pendurados no pescoço patuás ou talismãs, chamados, no período colonial, de “bolsas de mandinga” ou simplesmente “mandinga” – que em certos contextos significava feitiçaria. Dessa maneira, o corpo do jogador estava protegido de todos os perigos e se tornava invencível em qualquer roda de capoeira. Ora, originalmente, a palavra “mandinga”, ou melhor, “mandingo”, como aqui ficaram conhecidos os malinquês, designava um povo africano islamizado oriundo da África Ocidental. ( DIAS,2009,p.:02)

As roupas, ou indumentárias que os capoeiras usavam durante a capoeiragem muitas vezes estavam ligadas a religião, não sou ao candomblé, mas , também ao muçulmanismo na Bahia, que usavam as roupas brancas nas sextas-feiras, e seguiam todo um ritual. Quando Rego (1968) diz sobre a indumentária ele fala:

a indumentária utilizada na capoeira, acaba se referindo a certos costumes, inclusive religiosos, que influenciavam a maneira de se vestir dos negros. Por exemplo, um ogan (título honorífico num candomblé) é obrigado a utilizar vestes totalmente brancas, o mesmo ocorre se o negro for participar do axexê (ritual fúnebre) ou de festas de Oxalá. Muitos capoeiristas eram ligados ao candomblé e, com relação a roupa branca utilizada durante o jogo de capoeira, muitas vezes estes estavam cumprindo com algum dever religioso africano. (REGO, 1968,p.:126)

Quando falamos em capoeira acoplamos nela a religião, e percebe-se que muitos grupos de capoeira levam o nome de santos ou orixás, tendo em seu contexto ritualístico os próprios pontos religiosos afro-brasileiro. Calumbá(2013) corrobora com esse pensamento e expõe:

Os grupos de capoeira muitas vezes levam o nome de santos católicos ou orixás da umbanda e candomblé, como Irmãos Unidos de São Jorge, Capoeira de Obaluaê, São Bento

Pequeno, Inaiê de laoca, entre outros que figuram no universo da capoeira. Em alguns grupos podemos encontrar no ritual, pontos e códigos próprios de cultos religiosos afro-brasileiros.( CALUMBÁ.2013,p.:7)

Brito (2004) e Coelho (2000) corroboram com mesmo pensamento quando dizem, que é impossível negar a ligação da capoeira com a religião, pois as cantigas demonstram isso o tempo todo citando santos católicos e orixás. Coelho contextualiza:

O que se destaca no caso das religiões africanas é o processo, que se aproxima do ritmo da capoeira: a maioria dos pontos, cantos em louvor aos orixás cantados nos terreiros, pode ser cantada também em rodas de capoeira. Mas não é só neste aspecto que existe uma proximidade entre a religião e a capoeira: o meio social é o mesmo e seus praticantes também. Porém ainda mais importante do que a similaridade do meio e do agente é o processo iniciático que está presente em ambas, processo que as torna coautoras de um único drama. (COELHO, 2000, p. 80)

Nestor Capoeira (1997) atribui à capoeira uma “força mágica” capaz de ligar praticantes do presente e do passado através de corrente temporal energética que parece abrir-se durante o rito da roda, reatualizando feitos heroicos de mestres e personagens do passado numa espécie de atemporalidade ritual. ( p.127)

Mestre Pastinha (1998), a capoeira guarda essa herança; é “mandinga de escravo com ânsia de libertação”. Na capoeira, além de ser um jogo de malícia, de trucagem, considerado uma das armas mais perigosas do capoeirista, a mandinga é também a magia do capoeirista que tem o corpo fechado, que faz reza forte e traz a proteção dos orixás. Fora isso, a mandinga ainda tem uma função estética: ela embeleza o jogo da capoeira, aparece como uma representação teatral. É a malemolência do corpo do jogador que, ao som do berimbau, traz leveza à luta, o sorriso traiçoeiro, o golpe não previsto, a brincadeira de capoeira. O jogador que sabe controlar seus movimentos, que ataca de surpresa, brinca com a falsidade.(Depoimento TV Globo, 1989).

Existe uma relação muito grande entre a capoeira e a figura de Exu. Araújo (1999) explica sobre a semelhança da ginga de capoeira e as danças

do orisá Esú no candomblé. Na religião afro o Esú encarna a figura do malandro, tratando-se de Zé Pelintra, ou simplesmente Zé, como os umbandistas o chamam, suas características são: homem bem ornado terno de linho branco, mulato, sapatos sempre bem lustrados com duas cores, chapéu panamá, lenço de seda amarrado no pescoço, prevenindo o que poderia acontecer, se caso recebe-se um ataque de navalha no mesmo. Ligério (2004) analisa:

Zé Pelintra tornou-se também patrono da capoeiragem, pois muitos dos exus de seu grupo teriam pertencido às rodas de malandragem da antiga Lapa, no Rio de Janeiro: Zé Malandro, Terno Branco, Camisa Preta, Carioquinha, Zé Pretinho, Gargalhada e Zé das Mulheres formam o mitológico reino da malandragem (LIGÉRIO,2004,p.:64).

### **3.1 CAPOEIRA DE ANGOLA**

Campos (2002) Existem dúvidas sobre a origem da Capoeira Angola. Há quem afirme que ela foi trazida para o Brasil pelos escravos africanos que aqui aportaram oriundos do tráfico negreiro. Outros estudiosos acreditam que é uma manifestação africana, uma criação dos africanos no Brasil e um produto do seu modo de vida nas senzalas, no meio rural e mesmo urbano.

Acredita-se que é originária de um ritual de passagem: a Dança da Zebra ou N'golo, originária do povo "Mucupe", do Sul de Angola, que era um acontecimento marcado pela "Efundula" (festa da puberdade), uma cerimônia decisiva e violenta que marcava a passagem da adolescência para a vida adulta, estando o jovem pronto para o casamento. Nesta iniciação, os vencedores tinham como prêmio o direito de escolher as meninas da tribo que ficavam moças. Segundo Mestre Bola Sete, "ainda hoje, existe um ritual semelhante na África, em Katagun (Nigéria)" (BOLA, 1989, p. 21)

A capoeira de Angola também conhecida como capoeira antiga ou tradicional, tem o seu gingado lento, número de golpes reduzidos, exigindo muita força e equilíbrio, ela tinha a essência do batuque angolano, os jejes e a dança dos caboclos na Bahia.

Bola (1989) diz que os principais golpes da Capoeira Angola são desferidos com os pés e as partes dos mesmos com o objetivo de atingir o

adversário. A partida da ginga que se identifica o capoeirista, sua habilidade, competência e estilo. Bola (1989) explica o que é Ginga:

O principal movimento da Capoeira. Na ginga o capoeirista poderá defender-se com o auxílio das mãos e dos braços, negaceando em várias posições, deslocar-se para qualquer posição permitindo-lhe uma melhor posição para a defesa, o ataque e o contra ataque além da utilização do “floreio”, que consiste no jogo de corpo, onde o capoeirista, como o nome já diz, utiliza movimentos corporais, com o intuito de distrair o adversário para melhor aplicar-lhe o golpe (BOLA, 1989, p. 44).

Para Pires ( 2002) [...] a Capoeira Angola é tida como tradicional, não porque obedeça a uma lógica da capoeira praticada pelos predecessores diretos de Mestre Pastinha, mas, sim, pelo fato de a Capoeira Angola ter algo a ver com a praticada pelos africanos (Pires, 2002, p. 84).

Líbano Soares (2001), que aponta que a prática da capoeira foi introduzida por escravos angolanos e que combinava elementos de dança e luta, acompanhada pela música do berimbau, instrumento também de origem angolana. A capoeiragem, ou seja, a prática da capoeira, teria se expandido, sendo praticada por outros africanos, crioulos e mulatos, incorporando outras características no Brasil.(p.76)

Abib (2006) escreveu A Capoeira Angola, ao buscar constantemente vínculos com essa ancestralidade africana, e também com a ancestralidade que tem como referência os tempos de escravidão no Brasil e, posteriormente, os tempos remotos da capoeira de rua, das desordens e vadiagens, procura estabelecer o elo entre o seu passado ancestral, o seu presente constituído e o seu futuro, enquanto possibilidade concreta de afirmação social, cultural e política. Manifesta-se, assim, principalmente a partir do ritual da roda, a noção de circularidade do tempo na capoeira angola, e os processos de aprendizagem presentes em seu universo acabam por serem também, em certa medida, influenciados por essa concepção de tempo (Abib, 2006, p.96).

Mestre Pastinha praticava a capoeira de Angola, ou seja a capoeira dos escravos. Em seu livro Capoeira Angola, Pastinha (1988) escreveu: O nome Capoeira Angola é consequência de terem sido os escravos angolanos, na Bahia, os que mais se destacaram na sua prática.( p.27). e acrescentou mais

ainda asseverando: A Capoeira Angola se assemelha a uma graciosa dança onde a 'ginga' maliciosa mostra a extraordinária flexibilidade dos capoeiristas. Mas, Capoeira Angola é, antes de tudo, luta e luta violenta. (p.28)

Oliveira (1989) explica:

O mestre angoleiro procura passar para o seu discípulo o culto aos rituais e preceitos existentes na capoeira Angola e ao mesmo tempo prepará-lo para defender-se sem interferir no seu potencial de criatividade, dotando-o de uma grande dose de malícia, baseada na calma e na velocidade. (OLIVEIRA,1989,p.179)

Capoeira de Angola tem algumas ramificações sendo pesquisada, porém ainda é prematura a discussão nesse viés, entretanto que foi realmente o mestre que a defendia com a sua vida era o Vicente Joaquim Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha) passou por diversas dificuldades, mesmo assim até no final da sua vida acompanhou a capoeira de Angola. Campos (2009) contextualiza:

Capoeira Angola tem várias linhagens, porém o seu grande defensor é Vicente Joaquim Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), conhecido como o Guardiã da Capoeira Angola. Pastinha nasceu no dia 05 de abril de 1889, na cidade do Salvador e morreu em 13 de novembro de 1981. Sua vida foi recheada de histórias e dificuldades, tendo se agravado com a perda da visão em 1967, a qual o acompanhou até o último dia de vida. (CAMPOS,2009,p.41)

A capoeira de Angola foi reprovada por mestre Pastinha, pois ele diz que era muito violenta. Pires (2002) diz que para ser um bom mestre de capoeira seria necessário romper com as rodas de capoeira do passado, que segundo Pastinha, era uma "promoção de horror" (PIRES, 2002, p.85).

A capoeira de Angola tem todo um ritual para ser iniciada, Campos (2009) define todo o processo:

Para jogar na roda da Capoeira Angola, o capoeirista precisa conhecer o ritual. Inicialmente, tem que observar o conjunto musical formado por três berimbaus de tamanhos e sonoridades diferenciadas: o maior, chamado de gunga ou berra-boi, que marca o toque principal, normalmente tocado

pelo mestre; o médio, denominado de viola, que faz acompanhamento ao primeiro; e o terceiro, o menor, conhecido como pequeno ou violinha, que marca os tons distintos dos demais, criando uma riqueza de harmonias através dos repiques. Os outros instrumentos que compõem a bateria são dois pandeiros, atabaque, agogô e reco-reco. (CAMPOS, 2009,p.:45)

A capoeira não simplesmente um esporte qualquer, e sim um ritual oriundo de forças divinas, e da agilidade, habilidade do capoeira, um dom.

### **3.2 CAPOEIRA REGIONAL**

Capoeira Regional ela tem um gingado mais rápido quê a de Angola, é conhecida como capoeira moderna, pois ouve algumas adaptações necessárias, para torna-la mais apreciada pela sociedade de forma geral. É uma manifestação da cultura baiana, que foi criada nos fins da década de 1920 por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba).

Almeida (1994) disse que Bimba aproveitou uma antiga luta que havia na Bahia, chamada 'Batuque' da qual seu pai era campeão e aplicou na capoeira e do seu gênio criativo para criar uma nova capoeira que a chamou de Capoeira Regional.

Bimba registrou em seu livro, A Saga de Mestre Bimba, de Almeida (1994) em 1928 eu criei completa, a Regional, que é o Batuque misturado com a Angola, com mais golpes, uma verdadeira luta, boa para o físico e para a mente(p.17). As características da Capoeira Regional são: exame de admissão, sequência de ensino de Mestre Bimba, sequência da cintura desprezada, batizado, roda, esquentar banho, formatura, jogo de lúna, curso de especialização e toques de berimbau.

O surgimento da Capoeira Regional, Vieira (1998) afirma: que quando ela iniciou já existia a cultura da capoeira nas ruas da Bahia e no Rio de Janeiro. (p.1)

Nestor (1998) revela: Bimba e a sua nova academia começa a atrair a classe média e a burguesia da cidade de Salvador uma vez que ela no estado da Bahia só era praticada pelos africanos e seus descendentes (classes pobres). (Nestor, 1998, p.:52)

Existia todo um processo para fazer parte da capoeira regional passava por três exercícios básicos: cocorinha, queda de rim e deslocamento para trás (ponte), com a finalidade de verificar a flexibilidade, coordenação, força e equilíbrio do iniciante. Em seguida, a aula de movimento fundamental, pela qual o aluno aprendia a gingar, auxiliado por Mestre Bimba.

O método de ensino, os novos golpes e a nova mentalidade, somados ao fato de a maioria dos alunos de Bimba pertencer à classe média, com outros valores, fez com que a regional de Bimba se diferenciasse muito da capoeira tradicional. (idem)

O berimbau é crucial na capoeira regional cada toque tem um sentido, uma interpretação dos capoeiras tem o são Bento, Banguela, cavalaria, luna, Santa Maria, Amazonas e Idalina. Campos (2008) explica cada tipo de toque

**São Bento Grande** é um toque que tem ritmo agressivo, indica um jogo alto, rápido, com golpes aprimorados e bem objetivos, um “jogo duro”; **Banguela** é um toque que chama para um jogo compassado, próximo, corpo a corpo, curtido, malicioso e floreado; **Cavalaria**, um toque de aviso, chama a atenção dos capoeiristas de que chegaram estranhos na roda; outrora avisava da aproximação de policiais; a **luna**, um toque especial, imita o passo arisco da ave, interpreta seu saltitar miúdo à beira da lagoa. Para os alunos formados por Mestre Bimba, um toque mágico, que incita nos praticantes um jogo amistoso, curtido, malicioso e com a obrigatoriedade dos golpes de projeção; **Santa Maria** é um toque simples que incita um jogo rápido e solto, muito utilizado com o toque de São Bento Grande; Amazonas, toque de criação do mestre contendo uma riqueza de variações melódicas; e **Idalina** é um toque que suscita um jogo manhoso. Os toques de **Amazonas** e **Idalina** são toques que se prestam bem para apresentações devido à riqueza e à complexidade das dobras. ( Campos, 2008, p.: 64)

Quadro 1: comparação entre a capoeira de Angola e regional

<b>Capoeira, de Angola</b>	<b>Capoeira Regional</b>
Original	Descaracterizada
Tradicional	Moderna
Jogo Alto	Jogo Baixo

Praticada pelos estratos sociais médios e superiores	Praticada pelas camadas sociais marginalizadas
Jogo lento	Jogo rápido
Recreativa e maliciosa	Agressiva e sem malícia
Envolta de religiosidade e misticismo	Secularizada e isenta de simbolismo religioso
Integração á cultura negra	Expressão da dominação branca

Fonte: Fontoura e Guimarães, 2002. História da capoeira

### 3.3 INSTRUMENTOS MUSICAIS DA CAPOEIRA

A capoeira utiliza instrumentos musicais, e palmas também dos capoeiristas, Rego (1968) fala: o acompanhamento musical da capoeira, desde os primórdios até nossos dias, “já foi feito pelo berimbau, pandeiro, adufe, atabaque, ganzá ou reco-reco, caxixi e agogô”. Mestre Pastinha (1988, p. 36) afirma: “os instrumentos que compõem o conjunto são: berimbau, pandeiro, reco-reco, agogô, atabaque e chocalho”.(Rego,1968,p.:70)

Leme (2012) A arqueologia dita que o arco musical foi criado em 1.500 a. C. e muitos outros derivados. (p.3)

O berimbau é um instrumento feito de uma verga de madeira, tradicionalmente a biriba, com um arame de aço, e a caixa de ressonância é a cabaça seca. É um dos instrumentos mais antigos do mundo, originando-se há mais ou menos quinze mil anos antes de Cristo, no continente africano.

Instrumento oriundo da África, o berimbau foi incorporado à capoeira depois do tambor (atabaque). Rugendas (1835) retrata em sua pintura intitulada Jogar capoëra ou danse de la guerre”, dois negros frente a frente, em posições bastante semelhantes às gingas e negaças<sup>3</sup> da capoeira, com negros escravos a sua volta apreciando a contenda, ao som de um tambor tocado por outro negro. Não se sabe ao certo quando o berimbau foi incorporado ao ritual da capoeira, mas registra-se sua utilização pelos negros de ganho<sup>4</sup> a fim de chamar a atenção dos transeuntes para seus produtos (soares, 1994)

Rego (1968) admite que “O berimbau não existia somente em função da capoeira, era usado pelos afro-brasileiros em suas festas e sobretudo no samba de roda [...]”. Conhecido mundialmente como o principal instrumento da capoeira, o berimbau ou urucungo, como também é denominado, tem uma história que remete há períodos muito mais remotos que as fontes históricas puderam alcançar. Faz parte das memórias, contos e lendas de sociedades antigas como as da civilização africana. (OLIVEIRA, 2018, p.01)

Rego (1968) Já Freitas (1997) afirmou que “o berimbau foi o último instrumento a fazer parte da capoeira, no final do século XIX”. (p.76). Oliveira (2018) explica como é o berimbau e o seu manuseio:

Instrumento constituído por um arco monocórdio, com uma cabaça que cumpre a função da acústica, anexada na extremidade inferior do arco, o berimbau tem seu som produzido pelo tocador ao manuseando o arco em posição vertical e ou horizontal (mbulumbumbas de Angola), batendo com uma varinha ou vaqueta e retirando notas com uma moeda ou pedra e até mesmo com o dedo (especialmente em África). Sua existência é tão remota que não podemos precisar tempo de existência e ou origem, mas os registros que identifiquei (para Angola e Brasil) alcançam o século XVII. Entretanto, aqui me reportarei às últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, quando este arco musical trazido de África no bojo da escravidão atlântica encontrou assento na roda de capoeira, no Brasil, sob a denominação de berimbau ou urucungo. (idem).

Após todo o preparado dos materiais, Mestre Bimba começava a montar o berimbau. Nestor (1998) explica como manusear o berimbau (1998) o berimbau é seguro na mão esquerda juntamente com uma moeda que, ao tocar ou não na corda de aço, permite obter som de duas notas musicais (p.83).

Pastinha (1988, p. 36) complementa: “a mão direita segura a vareta com os dedos polegar, indicador e médio, restando os dedos mínimo e anelar para manter fixo [...] o caxixi”. Sobre a técnica de tocar o instrumento, Capoeira (1998) explica: afastando ou aproximando o instrumento do corpo, e pressionando com mais ou menos força a moeda, conseguimos algumas variações nas duas notas básicas. (idem)

Há três tipos de berimbaus, e possuem funções específicas na marcação e execução da roda de capoeira. Chaves e Calumbá (2013) definem cada tipo de berimbau e suas atribuições:

Existem três tipos de berimbau o primeiro, de som mais grave, conhecido como gunga ou berra-boi; o segundo, um pouco mais agudo, conhecido como médio; e o terceiro, bem agudo, viola ou violinha –, com funções específicas nessa orquestra: ao gunga cabe iniciar, assumir o controle na marcação do ritmo com seu som mais grave e dar término à roda, enquanto o médio toca as notas inversas (em alguns grupos o médio fica na função intermediária entre marcação e improviso), e o viola ou violinha improvisa o tempo todo, fazendo, na orquestra, o papel de solista.(CHAVES & CALUMBÁ,2013,P.28)

O pandeiro um instrumento de percussão também foi inserido na capoeira e Rego (1968) No Brasil, o pandeiro entrou por via portuguesa na primeira procissão que se realizou no Brasil, que foi a de Corpus Christi, na Bahia a 13 de junho de 1549. (Rego, 1968,p.:80) e depois disso os negros começou a utilizá-lo em seus ritos. Na capoeira, por exemplo, Freitas (1997) comenta: é utilizado mais o pandeiro de couro fino, não só por causa da tradição dos velhos capoeiras, mas pelo som que produz. O pandeiro de couro produz um som mais primitivo, abafado e gostoso de ouvir. ( Freitas, 1997,p. 75)

O reco-reco é um instrumento de som primitivo feito com bambu. Rego (1968, p. 85), assim o descreve: O ganzá ou reco-reco conhecido na Bahia, é feito de gomo de bambu com sulcos transversais sobre o qual se passeia uma haste de metal.

Agogô, Rego (1968, p. 87) afirma que O agogô, que na língua nagô significa sino é um instrumento musical de ferro entrado proveniente da África.

Fontoura e Guimarães (2002) Atabaque, instrumento de percussão usada em cerimônias afro-brasileiras, pode também ser frequentemente encontrado nas rodas de capoeira. (FONTOURA E GUIMARÃES, 2002,p.148).

Rego (1968) exprime: o termo atabaque é de origem árabe, sendo aceita por unanimidade pelos arabistas etimólogos. (Rego 1968, p. 83)

Rego (1968, p. 85) fala: Embora os africanos já conhecessem o atabaque e até tenham vindo da África algumas espécies, creio que ao chegarem ao Brasil, já o encontrassem trazido por mãos portuguesas, para ser usado em

festas e procissões religiosas em circunstâncias idênticas ao pandeiro e o adufe.

De acordo com Vieira (1998, p. 106): a utilização do atabaque encontra a resistência dos mestres mais antigos porque esse instrumento produz um som alto, que impede o capoeirista de distinguir o toque que está sendo executado pelo berimbau.

Capoeira (1985) explica : quem toca o atabaque tem que se ligar que se ele meter a mão com força no couro vai abafar o som dos berimbaus. [...]. Têm que procurar um volume tal que dê um apoio, faça uma marcação em cima da qual os berimbaus possam dar o seu recado. (Capoeira,1985,p.58)

Caxixi uma cestinha fechada, contendo sementes, usada no jogo da capoeira na Bahia e também no candomblé (CASCUDO, 1972,p.103). Segundo Rego (1968) o caxixi é um pequeno chocalho feito de palha, trançada com a base de cabaça, cortada em forma circular e a parte superior reta, terminando com alça da mesma palha. (Rego,1968, p. 87) No interior do caxixi são colocadas sementes secas para dar o som ao sacudir, ele é tocado com a a mão que segura o berimbau.

### **3.4 MARGINALIZAÇÃO DA CAPOEIRA**

Depois da abolição dos escravos em 1888, e conseqüentemente a proclamação da república, a população negra que nunca foi assistida, ou pertenceu ao estado, foi reprimida de todos os espaços relacionados a sociedade. Com esses acontecimentos, os negros levaram consigo a única coisa que restavam em sua memória identitária a capoeira. Entretanto ela foi marginalizada no código penal da república em 1890.

Art. 402- Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena- De prisão celular de dois a seis meses. A penalidade é do art. 98. 28 (Apud VIEIRA, 2004).

Uma matéria divulgada pelo Publicador Paraense (1849) pejorativava os capoeiristas chamando-os de vagabundos, crápulas, viciados entre outros:

Os capoeiras não são mais que vagabundos, livres ou cativos, dados à crápula, à velhacaria, a vícios infames. Logo que conhecem que não os espreitem seriamente, aparecem até de dia, já não procuram envolver-se no escuro manto a noite; de dia mesmo praticam das suas (O PUBLICADOR PARAENSE, 3 de novembro de 1849 Apud LEAL, Idem, p. 23).

Já no estado da Bahia, Oliveira (2005) diz que as manifestações culturais são escolas de criminalidade, então todo o conjunto era considerado marginal, o capoeirista e a manifestação cultural.

Os capoeiras seriam, então, indivíduos desviantes e desviados da ordem estabelecida e que, atuando nas ruas com suas armas em punho, representavam um perigo que precisava ser controlado para o “bem da civilização” (OLIVEIRA, 2005, p. 121).

Quando proclamaram a república todos os estados logo procuraram se resguardar dos malandros capoeiristas e capangas, assegurando a sociedade desses impropérios. Apenas o Pará que segundo eles foi imprudente.

Em todos os estados, logo que foi proclamada a república, foram tomadas pelos chefes de segurança as mais severas providências contra os capangas e capoeiras de todas as condições, desinfetando-se assim a sociedades desses elementos deletérios. O Pará foi o único estado em que, devido à moderação e prudência do chefe de segurança, essa salutar medida não foi tomada. Hoje está reconhecido que foi um enorme inconveniente e que é tempo de pô-la em execução. Nós confiamos na energia do desembargador chefe de segurança e estamos certos de que em breve a sociedade paraense estará livre dessa malta que a infesta (A REPÚBLICA, 10 de setembro de 1980, apud LEAL, 2008, p. 120)

A capoeira foi reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e cultura-UNESCO, no dia 26 de Novembro de 2014. E era considerada subversiva até o

ano de 1930, sendo marginalizada, sem apreciação alguma. O símbolo da resistência negra no Brasil, agora faz parte do panteão da cultura imaterial do mundo.

#### **4. METODOLOGIA**

O trabalho desenvolvido foi feito a partir de cunho bibliográfico utilizando fundamentos teóricos metodológicos, que suas bases foram materiais compostos por livros, artigos científicos, compondo pesquisas impressas e virtuais que juntas corroboram como o trabalho. Usando os livros e periódicos para uma boa leitura, obtendo um vasto arcabouço no assunto, outros para uma rápida consulta, referencia, dando vantagem de abranger vários fenômenos em apenas uma pesquisa. A essência do trabalho está sendo baseada em vários autores sendo eles Munanga (2013) Albuquerque & Filho (2006), Clovis Moura (2000), Gomes (2003) e Pires (2005) e Oser e Funari (1992).

Também será usada a pesquisa documental de base quantitativa, documentos que podem ser reconstruídos com base na pesquisa, parecida com a bibliográfica, porém tem suas peculiaridades, pois seus documentos são de fontes ricas, e quanto mais vão passando os tempos ela se torna muito importante, foram coletados dados em bancos virtuais dos periódicos das universidades do Brasil, como: UFBA e UFMA entre os anos de 2012 até os dias atuais.

Contendo também uma metodologia de caráter exploratório são levantamentos de dados para dar subsídios sólidos as pesquisas, permitindo que a pesquisa seja mais qualificada e não produziu apenas os conceitos do pesquisador.

A organização teve como base diversas fontes bibliográficas, relacionadas aos aspectos históricos da capoeira, da chegada do negro no Brasil até o período da abolição às formas de organização do seu universo e também as relativas aos processos para tornar-se patrimônio imaterial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar e pesquisar sobre a resistência do povo negro a partir da sua chegada aqui no Brasil, foi possível perceber o quão doloroso foi o processo de deixar o seu país de forma tão brutal, para residir obrigatoriamente em outro. Deixar as suas origens, sua cultura e identidade, para agregar de forma inadequada e desumana.

Uma vez que a viagem durava meses, e nem todos chegavam em um bom estado de sobrevivência, muitos doentes, desnutridos e apáticos. Pois passavam por falta de alimentação, água e todo o suporte necessário para um ser humano manter-se vivo durante essa trajetória nos tumbeiros. Todos juntos sem ver a luz do sol, e além do mais falta de ar circulando naqueles porões escuros, sem local para dormir, ou repousar tranquilamente durante uma imensa viagem pelo atlântico, que a partir do século com destino ao Brasil, começou a transportar os negros oriundos da África, e por isso o chamamos de Atlântico Negro.

Ao chegar ao novo mundo sentiram no corpo a falta de liberdade, a obrigatoriedade de adaptação a uma nova cultura e necessidade da sobrevivência. Por um curto período de tempo aceitaram essa submissão, viver para servir aos colonizadores, sem contar os indígenas existente antes no país, que perderam seu direito de continuar ocupando o seu território da forma cultural e religiosa que faziam anteriormente a chegada do “homem branco” no novo mundo. Viraram escravos também, perderam a ferro e fogo suas identidades e assim sucessivamente.

Os castigos aos africanos cativos eram surrais, chicotadas, mascaras de ferro, falta de alimentação e com todo esses artifícios criados pelos colonizadores para haver castigos, procuravam se suicidar, porque obvio melhor está morto do que passar por essas humilhações. Entretanto chegou um tempo que os seus donos percebendo o suicídio em massa resolveu d-lhes um castigo, aproveitando da falta de entendimento dos cativos serrando pernas e braços dos que cometeram suicídio, dizendo que na próxima vida eles voltariam daquela forma, aleijados, já que os africanos acreditavam em vida após a morte.

O negro não servia para mais nada a não ser trabalho braçal, os trabalhos mais asquerosos que poderiam existir. Muitos adoeciam por causa das doenças que contraíam através destes trabalhos sem proteção alguma.

Essa questão já estava deixando-os estafados e por esse motivo começou a surgir as rebeliões, insurreições, movimentos que buscavam a tal liberdade tão sonhada por todos, infelizmente nem todos entendiam que aquela situação que estavam sujeitos era escravidão. E por este motivo algumas insurreições eram abortadas igual à revolta dos malês em 1835 na Bahia.

A Bahia era a referencia em rebeliões escravas, volta em meia estourava uma rebelião no recôncavo, em Salvador e assim por diante. Mas sabemos que o grande salto para a fuga de negros , foram os quilombos, que eram localizados em lugares de difícil acesso e em pontos estratégicos , o primeiro quilombo escrito foi o da Serra da Barriga, que antes pertencia a Pernambuco e agora é território do estado de Alagoas, foi nesse quilombo que Funari e Oser começaram a fazer a escavação e adentraram na arqueologia histórica relacionada a etnoarqueologia com as comparações dos artefatos encontrados dos povos subalternizados( silenciados) pelos colonizadores, artefatos indígenas e de descendentes de escravos.

Graças a arqueologia histórica esses povos podem ser estudados e também recontada a sua história, resgatando a sua cultura e memória, seguindo a linha dos seus materiais de rituais, usos diários, adereços, entre outros.

Desse período começou a resistência negra através da sua força das divindades, pois mesmo muitos não querendo associar, a capoeira é proveniente em algum momento da religião de matriz africana, é tanto que o padrinho é o zé pilintra, que está ligado a cultura afro- brasileira , a esú também.

A capoeira é um conjunto das ações do corpo com a alma, com o que transcende para além do explicável. Cada golpe significa algo, cada toque do berimbau é uma estratégia para entrar no jogo, ou avisar que o seu algoz tava por perto. A mandinga está ligada ao molejo do capoeira, sua viçosidade, esperteza, para ser capoeirista tem que ser esperto, ter ginga.

A capoeira tem os traços vindo da África, mesmo muitos estudiosos dizendo que surgiu no Brasil, surgir obvio que surgiu, porem eles trouxeram

algumas técnicas oriundas das suas tribos, de rituais religiosos, ou até de festas. Por ser povos de diferentes países, entendera em algum momento que a união fazia a força, e forneciam estratégias melhores para alcançar a liberdade.

Inseriram primeiro o atabaque, que já entende-se sua relação com a religião, eram os toques da força, da energia dos orisás, que proviam das suas divindades e seu corpo ganhava uma fora inexplicável para ir de encontro com o seu opressor.

E eles como não tinham a mandiga de um cativo, tinham receio deles, e os chamavam de vadios e vagabundos, por andarem nas ruas, demonstrando as suas habilidades isso durante ao Brasil Império, em um momento em que pela cidade do Rio de Janeiro, eles ficavam nas praças e próximo ao porto do Cais do Valongo ( África brasileira) .

No período mais a frente entra o mestra pastinha e bimba dividindo a capoeira entre Angola e Regional, essas divisões, fizeram com quê a capoeira passasse a ser aprendida para qualquer pessoa seja de cor ou não, e também de classe, outrora que ela era visualizada como marginalidade, sem valor algum.

Mudou-se alguns instrumentos que outrora usava, como o atabaque, entretanto esse assunto ainda é um pouco delicado, todavia crucial para ser estudado profundamente, a capoeira de Angola realmente era violenta e por isso precisou-se criar a regional?

A capoeira é sem duvida o maior patrimônio do negro, quando se diz a respeito da sua resistência, sua identidade cultural, e uma memoria a ser realmente resgatada, infelizmente os negros cativos da época não sabiam escrever na língua portuguesa, não deixaram registros escritos do surgimento desse símbolo cultural de resistência, o som da liberdade negra está inserido na Capoeira.

A roupa, a religião, tudo provém da resistência, persistência e resiliência de um povo que foi oprimido, que foi massacrado e ainda é massacrado pelo sistema que diz sempre NÃO ao povo negro. Quando falamos, escrevemos ou até pensamos na história do Brasil, é obvio que falaremos do negro, pois, ele é um dos maiores dissipadores de cultura do Brasil. Da alimentação ao modo de

falar, dançar e até sorrir. A identidade, memória e o patrimônio brasileiro teve uma grande formação a partir da inserção do negro nesse espaço.

Capoeira é um ato de resistência, para os que vieram antes de nós, ela não é simplesmente um jogo. Ela é a nossa força diária, que devemos voltar as origens e compreender que para estarmos hoje em vários espaços mesmo em pouco número, que antes não adentrávamos é graças a Capoeira.

## REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Campinas/Salvador: Unicamp/CMU/Ed. UFBA, 2005.

————— *Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão*. Cadernos Cedes, Campinas, v. 26, n. 68, p.86-98, 2006.

ALBUQUERQUE, W. R. de, FILHO, W. F. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

Alcorão, O. *Tradução de Mansur Challita*. Rio de Janeiro, Associação Cultural Internacional Gibran, s.d.

ALMEIDA, F. G. *Arqueologia da Resistência e etnoarqueologia no território Mandira*. Município de Cananeia/SP. 2012.

ALMEIDA, R. C. Alves de. *A saga do mestre bimba*. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994.

ALVES, F. U. – *uma filosofia de vida*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1993.

ANJOS, J. C. G. dos. *No Território da Linha Cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: Ufrgs, 2006.

ANSART, P. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARANTES, A. A. *Sobre o inventário e outros instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural intangível: Ensaio de antropologia pública*. In: Anuário Antropológico 2007-2008. p. 173-222. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2008.

ARAÚJO, R. C. *Sou discípulo que aprende, meu mestre me deu lição: tradição e educação entre os angoleiros baianos (anos 80-90)*. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

AREIAS, A. das. *O que é capoeira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

AREIAS, A. das. *O que é capoeira*. 4. ed. São Paulo: Ed. da Tribo, 1983.

ARNT, R. NETO, R. *A cara de Zumbi*. *Revista Superinteressante*. São Paulo, ano 9, n. 11, p. 30-42, nov. 1995.

Azevedo, T. de. *O Povoamento da Cidade do Salvador*. Salvador, Editora Itapoã, 1968.

BENISTE, J. *As águas de Oxalá: (àwon omi Ósàlá)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BINFORD, L. *Archaeology as Antropology* In: American Antiquity, vol. 28, nº 2, p 217-225, 1966.

BINFORD, L. R. *Em busca do passado*. Europa-América, 1991.

Biografia de Mahommah G. Baquaqua, *Revista Brasileira de História*, vol. 8, no. 16 (1988), pp. 269-284.

BOAS, F. *Antropolog'a cultural*. Zahar, 2004.

BOSI, A.; BRITO de, A. C. *Cultura brasileira*. Editora ática, 1987.

BRAND, Journal, p.13.1898.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em 15 de novembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Discurso do Ministro da Cultura Gilberto Gil. Disponível em: < [http://www.cultura.gov.br/discursos//asset\\_publisher/DmSRak0YtQfY/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-nahomenagem-a-sergio-vieira-de-mello-36642/10883](http://www.cultura.gov.br/discursos//asset_publisher/DmSRak0YtQfY/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-nahomenagem-a-sergio-vieira-de-mello-36642/10883). Acesso em 15 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, DF: IPHAN, 2014.

\_\_\_\_\_. Roda de Capoeira. IPHAN. Ministério da Cultura. Ministério das Relações Exteriores. 2014.

BRITO, E. P. de. *Capoeira e religião*. Goiânia: Graset, 2004. CAILLOIS, Roger. Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem. Lisboa, Cotovia, 1990.

BRUMANN, C. W. *for culture: Why a successful concept should not be discarded*. Current anthropology, v. 40, n. S1, p. S1-S27, 1999.

CANCLINI, N. G. *O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional*. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, 23, 94-115, 1994.

CASCUDO, L. da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global 2001.

CAPOEIRA, N. *A retórica do corpo de Getúlio Vargas e seus reflexos na capoeira atual*. Revista Camará Capoeira, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 25-27, nov. 1999.

\_\_\_\_\_. *Capoeira: os fundamentos da malícia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

—————*Capoeira: pequeno manual do jogador*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

—————*Capoeira: pequeno manual do jogador*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CASTRO, J. Vítor, L. *Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 2, p.143-148, jan. 2004.

CHALHOUB, S. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CHAVES, O. *Escravidão, Fronteira e Liberdade: Resistência Escrava em Mato Grosso (1752-1850)*. Dissertação, PPGH, Dep. de História, FFCH, UFBA, Salvador, 2000.

CHOAY, F.. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

COELHO, M. N. *Linguagem corporal: o imaginário do corpo*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2000.

COLUMÁ, J. F.; CHAVES, S. F. *O sagrado no jogo de capoeira*, 2013.

COSTA S., A. da. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Ed. UFRJ, 2003.

COSTA, D. *Arqueologias Históricas: um panorama espacial e temporal*. Vestígios - Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica, Belo Horizonte, vol.4, nº 2, p.176-200, 2010.

CUCHE, D. *O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DAVID, N. K, C. *Teorizando a Etnoarqueologia e a analogia*. Horizontes Antropológicos. v. 8, n. 18, p. 13-16, 2006.

DIAS, A. A. *mandinga e a cultura malandra dos capoeiras* Salvador, 1910-1925. Revista de História, 1, 2. p. 53-6,2009.

DOSSAR, K. *Capoeira: an African based tradition in United States*. Joperd, Reston, v. 62, no. 2, p. 42-44, Feb. 1991.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EUGÊNIO, A. *Os relatos de Luiz Antônio de Oliveira Mendes sobre a saúde da população escrava: do tráfico na África ao cativo no Brasil (1793)*. Idéias, v. 4, p. 201-231, 2013.

- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- Ferreira, J. C. *As Insurreições dos Africanos na Bahia*. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, vol. 10, n? 29, 1903, pp. 103-119.
- FONSECA, M. C. L. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ; MinC, IPHAN, 2000.
- FREITAS, J. L. de. *Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo*. Curitiba: Editora Abadá, 1997.
- FUNARI P.P. and OLIVEIRA N.V. "Arqueologia da repressão e a resistência na América Latina". In: Funari P.P. and Zarankin A. (ed)^(eds): *A arqueologia do conflito no Brasil*. Córdoba, Brujas, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. FOGOLARI, E. P. *Estudos de Arqueologia Histórica. Erechim*: sem editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Amadurecimento de uma arqueologia histórica mundial*. Revista de História, São Paulo, n? 135, p. 163-168, jul./dez.1996.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas A interpretação das culturas A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro/RJ: Zahar editores, 1978.
- GICO, V. V. e ANDRADE M. de : *uma sedução epistolar*. Revista do Patrimônio Histórico e Artística Nacional, São Paulo, n. 30, pp.111 – 127, 2002.
- GILROY, P. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro Asiáticos, 2001.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOMES, N. L. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- Gonçalves, J. R. S. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: MinC. - IPHAN - DEMU, 2007.
- GUIMARÃES, C. e LANNA, A. *Arqueologia de quilombos em Minas Gerais*, Pesquisas: Série Antropológica, n. 31 (1980), pp. 147.
- HALL, S. *A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade. V. 22. Nº 2, Jul./Dez. p. 17-46. 1997.
- Hellio C. *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba*.Edufba.2009.

IPHAN *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> <Acesso em 20.nov.2010>.

KERSTEN, M. S. A. *Os rituais do Tombamento e a escrita da História: Bens Tombados no Paraná entre 1938 - 1990*. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

LARAIA, B. R. de. *Cultura: um conceito antropológico*. Zahar, 2007.

LIGIÉRO, Z. *Malandro divino: a vida e a lenda de Zé Pelintra, personagem mítico da Lapa carioca*. Rio de Janeiro: Record Nova Era, 2004.

Lima T.A. *Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991)*. Anais do Museu Paulista 1993.

LIMA, M. C. *Dicionário de capoeira. Brasília*: Edição do autor, 2005.

LOPES, N. *Novo dicionário banto do Brasil. Rio de Janeiro*: Pallas, 2003.

MALINOWSKI, B.; CORTÁZAR, A. R. *Una teoría científica de la cultura*. Barcelona: Sarpe, 1984.

MANOEL, I. *Dossiê Identidades Religiosas e História. Revista Brasileira de História das religiões*, maringá, ano I, n.1, 2008.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas, v. 6, 2001.

MARINHO, I. P. *Subsídios para a história da capoeiragem no Brasil*. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.

MATTOS, W. R. de. *Negros contra a ordem: resistências e práticas negras de territorialização no espaço da exclusão social – Salvador/Ba (1850-1888)*. São Paulo, 2000.

MATTOSO, K. *Bahia século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro. Nova fronteira, 1992.

MENESES, U. B. de. *Identidade cultural e arqueologia*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 20, p. 33-36, 1984.

MONTES. M. L. *Memória e Patrimônio Imaterial*. In: MIRANDA. Danilo S. (Org). *Memória e cultura: A importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: Ed. SESC SP, 2007.

MORAES, M. *Filosofia das tradições afro-brasileiras*. Mimeo. Niterói, 1988.

Moura, C. *Rebeliões da Senzala*. São Paulo, Edições Zumbi, 1959.

MOURA, Clóvis. Os quilombos e a rebelião negra. São Paulo, Brasiliense, 1987. o REIS, Letícia Vidor de Sousa. O Mundo de Pernas para o Ar: A Capoeira no Brasil. São Paulo, Publisher Brasil, 2000.

MUNANGA, K. e GOMES, N. L. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

MUNANGA, K. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: Histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo, Ed. Global, 2009

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NOGUEIRA, I. B. Significações do Corpo Negro. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, J. P. de. *No Tempo dos Valentes. Os Capoeiras na Cidade da Bahia*. Salvador, Quarteto, 2005.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 10 de dezembro de 1948.

ORSER JR., CHARLES. *Introdução à arqueologia histórica*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992.

ORSER, C. e FUNARI, P. *A pesquisa arqueológica inicial em Palmares*, Estudos Ibero-Americanos, n. 18. p. 53-69,1992.

ORTIZ. R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

PELEGRINI, S. C. A. e FUNARI, P. P. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

POLITIS, G.G. *Acerca de la Etnoarqueología en América del Sur*. Horizontes Antropológicos, 18: 61-91,2002.

REGO, W. *Capoeira angola um ensaio socioetnográfico*. 1. ed. Salvador: Itapuã (Coleção baiana), 1968.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. *O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

RUSSELLWOOD, A.J. R. *Escravos e libertos no Brasil Colonial*. Trad. Maria Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SABÓIA, E. F. *Identidade e Cultura: reflexões sobre auto identificação racial no Brasil*. Programa FESPSP-PIBIC/CNPq, 2013.

Schwartz, S. B. *The manumission of Slaves in Colonial Brazil: Bahia, 1684-1745*. Hispanic American Historical Review, vol. 54, n? 4, nov. 1974, pp. 603-635.

SETE, B. *Mestre. A capoeira angola na Bahia*. Salvador: Fundação das Artes, 1989.

SILVA, J. M. F. da. *A linguagem do corpo na capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SOARES, C. E. L. *A Capoeira Escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas, Editora UNICAMP, 2001.

SOARES, C. E. L. *A negregada instituição: Os capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

Symanski L.C.P. Arqueologia histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: Morales W.F. and Moi F.P. (ed)^(eds): *Cenários regionais de uma arqueologia plural*, Annablume/Acervo, 2009.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *história da Bahia*. Salvador: UFBA, 1974.

TOURO, Mestre. Entrevista concedida ao jornal O Globo, Rio de Janeiro, Caderno da Leopoldina, junho de 1989.

Trigger B.G. *História do pensamento arqueológico*, São Paulo, Odys- seus Editora, 2004.

VANNUCCHI, A. *Cultura brasileira*. Edições Loyola, 1999.

Verger, P. *Flitix et Refltx de < a Traite des Nègres entre le Golfe de Benin et Bahia de Todos os Santos*. Paris, Mouton, 1968.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.